



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
COORDENAÇÃO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – COEG
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

**DESCOBRIR-SE MULHER NEGRA NO TEATRO EM MACAPÁ – PERCURSO E
DESVENDAMENTO**

MACAPÁ – AP

2019

NELMA SOCORRO LIMA DA SILVA

**DESCOBRIR-SE MULHER NEGRA NO TEATRO EM MACAPÁ- PERCURSO E
DESVENDAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Teatro da UNIFAP –
Universidade Federal do Amapá, como requisito final
para obtenção do grau de Licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Me. Adélia Aparecida da Silva
Carvalho.

MACAPÁ – AP

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

NELMA SOCORRO LIMA DA SILVA

**DESCOBRIR-SE MULHER NEGRA NO TEATRO EM MACAPÁ – PERCURSO E
DESVENDAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro da UNIFAP – Universidade Federal do Amapá em Teatro sob orientação da Professora Me. Adélia Aparecida da Silva Carvalho.

Macapá – AP, 17 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Adélia Aparecida da Silva Carvalho

UNIFAP – Universidade federal do Amapá

Prof. Me. Emerson de Paula Silva

UNIFAP – Universidade Federal do Amapá

Me. Em Sociologia Alzira Nogueira

Ministério Público do Estado do Amapá

MACAPÁ – AP

2019

*Este é o dia em que o senhor agiu, alegremo-nos
e exultemos neste dia.*

A Deus

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pela oportunidade de poder chegar até aqui e ter me fortalecido para não desistir, quando muitos acontecimentos desfavoráveis atropelaram a minha caminhada.

A minha mãe Raimunda Lima da Silva, que mesmo de longe me fortalece com suas orações.

Ao meu pai Joaquim Nascimento da Silva (*in memoriam*), que mesmo em outro plano eu tenho certeza da sua presença guiando meus passos.

Aos meus amados filhos Edmundo Lima Barreto e Eduardo Lima Barreto, que em muitas vezes tive que recusar as suas companhias e por serem capazes de compreender o motivo de minha ausência, apoiando-me nos momentos mais difíceis. Sem vocês eu não teria chegado até aqui. Minha eterna gratidão.

Aos meus colegas de classe que muitas vezes me acolheram e me fortaleceram com palavras de incentivo, durante todo o meu percurso e também com a escolha do meu tema.

À todos os meus professores pelos ensinamentos e fortalecimento no meu aprendizado, em especial minha orientadora Prof. Me. Adélia Aparecida Carvalho da Silva pela ajuda enriquecedora em meu trabalho com dedicação, atenção e por ser facilitadora de conhecimento.

Aos minhas amigas (os) Maria Gonçala Gosta, Kelly Magalhães e José Maria Correa pelo apoio, carinho e cuidado dedicado a mim durante todo o período do curso.

As minhas entrevistadas a Aldaete Maria Barreto da Silva, Ana Caroline da Silva Santos, Alice Soares de Araújo Ferreira e Jéssica Thaís, pelo tempo dedicado para as entrevistas compartilhando suas experiências, minha gratidão à todas vocês.

As duas pessoas que irão compor a banca o Prof. Me. Emerson de Paula Silva e Socióloga Alzira Nogueira, pelo carinho e atenção com que atenderam ao meu pedido. Minha eterna gratidão e o meu muito obrigado.

Não será a tristeza do deserto presente que nos roube as perspectivas de um futuro melhor (..), onde as conquistas da inteligência não se degenerem, em armas de destruição, de aniquilamento; onde os homens, enfim, se reconheçam fraternalmente. Será, contudo, quando houver bastante cultura e sólida independência entre as mulheres para que se considerem indivíduos. Só então, cremos existir uma civilização melhor.

Antonieta de Barros

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo primordial pesquisar as escritas das mulheres negras acerca do protagonismo das primeiras atrizes negras a atuarem na cena teatral brasileira e suas principais referências. Dialogar com as mulheres negras trazendo a importância de refletir sobre o espaço das atrizes negras presentes no estado do Amapá. Lembrando também das discursões da mulher negra no panorama político-social e para alicerçar as referências teóricas e contribuir com o conceito básico desta pesquisa me apropriei dos seguintes conhecimentos: Aguiar(2018), Berth (2018), Canto (1987,1998 e 2017), Carneiro (2003) e muitos outros. No mais, a pesquisa realizada comprovou que o curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, é de uma fundamental importância na promoção e veiculação da cultura teatral dentro do Estado.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias, Identidade, Teatro Negro.

ABSTRACT

This work has as main objective research the black women's writing about the protagonism of firsts black actresses who act in Brazilian scene theatrical and her mains references. Conversation to black women bringing the importance of locate the black women presents in the state of Amapá through the interviews. Also remembering of black women's discussions in viewpoint social political and to base the theoretical references and contribute with the basic concept this research I appropriated myself of this Knowledge: Aguiar (2018), Berth (2018), Canto (1987, 1998, and 2017)), Carneiro (2003) and so many others. However, the research realized proved that the course of graduation Theatre of the Federal University of Amapá has a fundamental importance in the promotion and dissemination of state culture.

Keywords: Memories, Identity, Black Theater

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 01 Foto Entrega da Carta de Intenção para Autoridades.....	23
FIGURA 02 Seminário de Inclusão e Mobilização Social.....	24
FIGURA 03 Recepção dos Calouros 2016.....	26
FIGURA 04 Ruth de Sousa.....	35
FIGURA 05 Léa Garcia.....	37
FIGURA 06 Zezé Motta.....	39
FIGURA 07 Primeira Aparição na Personagem Meda.....	42
FIGURA 08 Segunda Apresentação na Personagem Medea.....	43
FIGURA 09 Terceira Aparição na Personagem Medea.....	44
FIGURA 10 Personagem Filomena em As Eruditas.....	45
FIGURA 11 Resistência (Disc. Prática de Montagem II)	47
FIGURA 12 Aldaete Maria Barreto da Silva.....	50
FIGURA 13 Jéssica Thaís.....	51
FIGURA 14 Alice Soares de Araújo Ferreira.....	52
FIGURA 15 Ana Caroline da Silva Santos.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1- TECENDO MEMÓRIAS NAS LINHAS NARRATIVAS E REFLEXIVAS DE UMA MENINA NEGRA	14
1.1- ENCANTOS E DESENCANTOS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.....	22
1.2- A INTERPRETAÇÃO DA VIDA REAL.....	26
2- A AFIRMAÇÃO DO NEGRO NA ARTE	28
2.1- MULHERES NEGRAS: SUJEITOS POLITICOS PRODUZINDO DISCURSOS CONTRA HEGEMÔNICOS.....	31
2.2- PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA NO TEATRO BRASILEIRO.....	33
3- A APROXIMAÇÃO E DIALOGO ENTRE ATRIZES NEGRAS AMAPAENSES	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS: O novo reflexo, o espelho fala	58
REFERENCIAS BIBLIGRAFICAS	61
SITE VISITADOS	63
APENDICES	64
APENDICE A	65
APENDICE B	68
APENDICE C	71
APENDICE D	75

INTRODUÇÃO

Resolvi falar sobre o Percurso e Trajetórias da Mulher Negra no Teatro, já que estou vivendo a experiência de cursar Licenciatura em Teatro, a minha pretensão de fato era buscar entender as interações da realidade racista nos palcos e como essas mulheres conseguiram se destacar e trilhar um caminho completamente diferente do que lhes fora reservado. Percebendo também a identificação do dominado com o dominador que lhes foi imposta em meio ao caos da relação social entre negros e brancos. Você já passou por alguma situação de racismo? É uma tentativa de indagação para além da visão política e cultural. Eu mesma já sofri racismo sim e não é nada agradável, a sensação é de exclusão e de abandono.

Logo no início do curso, de acordo com os acontecimentos fui desenhando a estratégia para essa finalidade. O meu primeiro pensamento foi construir uma monografia, porém com a sugestão da minha banca examinadora e da minha orientadora no momento da qualificação, tiveram a feliz ideia da construção de um memorial pois a introdução da referida monografia foi o meu memorial. Me deram a liberdade de pensar e avaliar todo o processo. Dias depois sinalizei a orientadora que concordava com a ideia de construir um memorial, embora sabendo que teria que visitar minhas memórias com lembranças nada agradáveis, mas aceitei o desafio. Mas o que me impulsionou mesmo a construir esse memorial foram exatamente questões mal resolvidas lá atrás no meu passado e que eu tinha uma urgência em pôr tudo em pratos limpos, faltava arrumar essa etapa da minha vida e então reconheci que este seria o momento exato. Porque durante as aulas ao decorrer do curso me deparei com situações que às vezes fugia do meu controle, eram situações relacionadas com a minha cor e a minha identidade.

Dessa forma busquei organizar meus pensamentos e catalogar minhas memórias, de certo admito que não foram somente lembranças ruins que vieram à tona, pois recordar é viver. Assim com todas as minhas análises pessoal em ordem vi o quanto foi importante o percurso e quanto isso me fortaleceu na construção desse trabalho e mais o quanto ele ainda se apresenta inacabado pra mim.

Portanto, objetivo principal desta pesquisa para além de aparar as minhas arestas no sentido de resolver questões do meu passado, mas que até hoje me assombravam ao longo de toda a minha vivência é também primordialmente dialogar com as escritas das *autoras negras*, sobre ser negra, e sobre o fazer artístico embora poucas, temos aqui citações de homens negros e brancos, que foram essenciais para a realização dessa reflexão. Porém a referência principal do meu trabalho são mulheres negras no sentido de dar a voz a essas mulheres essa e a finalidade principal neste trabalho. Dialogar com essas mulheres e trazer o protagonismo para

elas. Outro fator que também contribui para a elaboração deste trabalho foi a possibilidade de dialogar com atrizes negras amapaenses que abordou a sagacidade que o Teatro traz para o estado do Amapá. A partir do momento que eu quero falar de mulheres negras no Teatro é importante que eu dê voz para mulheres negras que estão ocupando e levantando essa pauta discutindo questões que são primordiais para seu empoderamento e para defender o espaço da mulher negra na arte, principalmente no Teatro, feito no estado.

Sob essa ótica proponho um estudo que traga a visão de espaços que já são ocupados pelas mulheres negras e os que ainda estão em processo de ocupação dentro do Teatro Brasileiro.

A pesquisa foi realizada em etapas, sendo de auto etnográfico e de caráter teórico bibliográfico com pesquisa de campo, onde foram realizadas entrevistas com atrizes e pesquisadoras do teatro amapaense (vale salientar aqui que em uma das entrevistada a atriz Carolina da Silva Santos 30 anos não é amapaense mas atualmente está morando aqui e se encontra em turnê pelos estados brasileiros representando o estado do Amapá).

Construir o meu memorial baseado na minha trajetória e vivências desde a minha infância até os dias atuais, que consiste estar dentro da Universidade. Em seguida visitei alguns sites, blogs na internet, validando o que autoras e pesquisadoras falaram sobre a proposta do tema. O que me proporcionou obter diversas informações pontuais sobre o assunto aqui proposto. A começar, efetuei uma consulta bibliográfica, pesquisei livros, e pesquisas acadêmicas de autoras negras nacionais e regionais que abordam todo o âmbito do posicionamento da mulher negra. Em seguida procurei referências teóricas em diversas obras de natureza histórica, sociológica e cultural para contribuir com conceitos básicos da pesquisa tais como: Aguiar (2018), Berth (2018), Canto (2009, 1998) Carneiro (2003), Davis(2016), Gonzales(1983), Maciel (2001), Martins (1995,2016), Olavo (1957, 1961), Ribeiro (2017), Saffioti(1987).

Este trabalho tem como estrutura três capítulos. Logo no primeiro com título “Tecendo Memórias nas Linhas Narrativas e Reflexivas de uma Menina Negra”, faz um diálogo com as minha vivências, apresentando um panorama de racismo que sofri na escola. Além do processo de negação e a não aceitação da cultura negra e da minha identidade. O segundo capítulo “A afirmação do Negro na Arte”, traz uma explanação da minha entrada como discente na academia (2016) e os primeiros trabalhos que realizei enquanto atriz e pesquisadora. Traz um resumo da mulher negra enquanto sujeito político, falando do feminismo negro que é uma grande vitória pela não homogeneização das discussões sobre a luta da mulher negra contra o racismo institucional, sexismo e suas diversas áreas de atuação. Trata também de dialogar com

reflexões levantadas pelas primeiras atrizes negras de destaque nacional a atuar no teatro brasileiro como protagonistas. O terceiro e último capítulo intitulado “Aproximação e Diálogo entre Atrizes Negras Amapaenses” traça o panorama do Teatro no estado do Amapá, como a influência de Janary Nunes, primeiro governador do extinto Território Federal do Amapá e seu processo colonizador que traçou o panorama cultural e político dentro de Macapá. Além de abordar em que lugar se encontram as atrizes negras amapaenses dentro desse panorama, através de entrevistas.

1 TECENDO MEMÓRIAS NAS LINHAS NARRATIVAS E REFLEXIVAS DE UMA MENINA NEGRA.

Eis aqui uma menina pobre, negra, nascida em 29 de setembro de 1971, exatamente às 0:40 Hs na maternidade Mãe Luzia, em Macapá no Território Federal do Amapá. Filha de um policial da Guarda Territorial e de uma dona de casa. O casal teve cinco filhos, eu sou a quarta.

Em frente à minha casa era só atravessar a rua, que eu estava dentro da escola. Iniciei minha alfabetização na escola São Benedito, localizada na Rua General Rondon 419 – Laguinho, no dia 02 de fevereiro de 1978, aos sete anos de idade. Nesta época não havia o jardim de infância, conhecida atualmente como educação infantil. Somente depois de frequentar a escola passei então a conhecer a história do bairro onde morava. Despertei para umas situações que mesmo sem entender já havia chamado a minha atenção. O porquê de só haver pessoas negras neste bairro?

Mas enfim, a escola me possibilitou essa descoberta. O bairro do Laguinho, hoje conhecido também pelo nome de Julião Ramos¹ onde, por muito tempo, foi o reduto somente de famílias negras. Este nome é em homenagem a um líder da comunidade do marabaixo. A criação desse bairro se deu por famílias oriundas do bairro central, esses moradores foram retirados das suas casas. Pois a localização era o lugar ideal onde o governador da época Janary Gentil Nunes² queria construir a sua residência e as casas para as autoridades que iria compor o primeiro escalão do Território Federal do Amapá.

Para deixar o local, esses moradores foram indenizados, para a construção de novas casas em outro lugar mais afastado do centro. Muitos falam que foi uma limpeza urbana³, por isso não foi vista com bons olhos pela maioria das famílias negras. Essas eram as histórias contadas na escola pela professora, mas tive a confirmação através do meu pai que afirmou esse

¹ Julião Thomaz Ramos nasceu em 1890, e se tornou líder da comunidade negra de Macapá e representante do Marabaixo. Era casado com Januária Simplício Ramos da comunidade do Curiaú, e teve seis filhos: Felícia Amália Ramos, Alípio de Assunção Ramos, Apolinário Libório Ramos, Benedita Guilhermina Ramos e Joaquim Miguel Ramos, Benedita Guilhermina Ramos, a Tia Biló, é a única filha viva do Mestre Julião. Mesmo com problemas de saúde continua a participar das festividades em Louvor ao Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade na sua casa no Laguinho. (Janary, “o nosso governador”: a relação dos Marabaixeiros com o governo territorial (1944-1956) SÂNDALA CRISTINA DA SOLEDADE MACHADO, Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Amapá.).

² Janary Gentil Nunes foi um militar e político brasileiro, indicado como primeiro governador do Amapá pelo presidente Getúlio Vargas.

³ Projetos do governador Janary Nunes, para urbanizar o centro histórico da cidade para abrigar os altos e médios funcionários do novo território. Para isso, era necessário retirar a comunidade negra residente na vila de Santa Engrácia, Largo de São João e Praça de Cima que ficava nesta região central. Vale ressaltar que a transferência da população negra para o bairro do Laguinho e Favela causou muita indignação nas famílias.

fato que aconteceu em meados do ano de 1943. Entendo esse acontecimento como uma característica de racismo velado, aquele que com muita sutileza e persuasão corroboram para a inferiorização do negro. Maciel afirma:

Neste caso lhes tiraram o direito de morar em frente a cidade, lugar privilegiado, onde os negros não eram bem-vindos “não era nada interessante manter a população negra na frente da cidade, que atualmente é o cartão de visita de Macapá” (MACIEL, 2001, p. 28).

As casas enfiavam à frente da cidade, que seria o cartão-postal do então Território do Amapá. Estes relatos tratam-se, somente de um adendo para um melhor entendimento da trajetória de desvalorização, racismo institucional e discriminação da população negra aqui na cidade de Macapá.

Na minha sala a professora conseguia visualizar todos os alunos, atendendo cada um e por esse motivo era bem atenciosa, com isso tive um grande avanço no letramento. De vez em quando percebia um certo cuidado a mais da professora comigo. Sempre procurando saber insistentemente se eu estava bem, logo descobrir que as brigas dos meus pais já era de conhecimento de todos os professores, pelo simples motivo de moráramos muito próximo da escola.

Meu pai era um homem muito sério de poucas palavras, exigente e difícil de se conviver, pois variava constantemente de humor. Na verdade sempre que estava em casa, não podíamos fazer barulho, detestava falatório de criança, sempre muito sisudo, com cara de bravo típico estereótipo de policial. Parece que nunca estava bem, sempre muito preocupado com o trabalho saía muito cedo e voltava tarde da noite.

Já minha mãe, pra ela não restava outra coisa a fazer, se não se dedicar aos afazeres do lar. Seu único desejo no momento era voltar a estudar, fazer o curso do MOBREAL⁴. Mas meu pai não deixava. Ela obedecia pois não tinha outra coisa a fazer. Lembro de quando minha mãe desobedecia meu pai ela era castigada, com uma surra⁵ muitas das vezes até por um motivo banal, pra deixar claro que ela tinha que ser obediente. Somente muito tempo depois

⁴ Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), foi um órgão do governo brasileiro, instituído pelo decreto nº 62.455, de 22 de março de 1968, conforme autorizado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967 durante o governo de Emílio Garrastazu Médici no Regime Militar. O Mobral propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando “conduzir a pessoa a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida”. O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar.

⁵ Ato de maltratar por meio de pancadas, socos, chicotadas, varadas etc.

compreendi que minha mãe, foi mais uma vítima de violência doméstica. Ela ficava por horas sentadas, em canto chorando com muita dor, ficavam marcas do cinto por todo o corpo.

O que me leva a pensar que minha mãe não tinha identidade, o que é fundamental para o indivíduo e o que faz com que cada indivíduo, possua um histórico próprio vindo do resultado de várias experiências adquiridas ao longo da vida e está diretamente ligada a representatividade. Penso que cada dia vivido pela minha mãe dentro desse quadro, de violência e submissão sendo tratada como um simples objeto está vivo na sua memória. Como descrito por Sousa, quando afirma que:

A dor não nasce, portanto, da frustração. Nem é sinônimo de desprazer. Sua origem não se encontra na decepção amorosa. Seu ponto de irradiação não é obstáculo à realização do prazer, e sim o rompimento da homeostase psíquica provocado por um trauma específico produzido pela violência (SOUSA, 1983, p.09).

Com esse diagnóstico, Sousa atesta que o machismo do meu pai, infelizmente causava um desequilíbrio das funções essenciais da minha mãe, além do psicológico o que de fato interfere direto na manutenção da vida e do próprio corpo. Não entendo como ela suportou por tanto tempo essa situação.

Chegou o momento decisivo, pois todo esse desentendimento alcançou os ouvidos da minha avó Francisca, ela não sabia o que realmente acontecia com minha mãe, mas quando descobriu ficou muito aborrecida e mandou meu pai ir embora definitivamente.

Ao longo do tempo a mulher foi projetada somente para obedecer. No entanto, foi através do feminismo, que a mulher vislumbrou conquistar a capacidade de se autodeterminar, se preparar para encarar a estrutura dominante do machismo. Pena minha mãe nunca ter tido conhecimentos dos valores e direitos em virtude do feminismo. Muito embora minha avó, não tenha noção, mas esse ato de mandar meu pai sair de casa, foi uma ação feminista. Pois para a época, o que muitas mães diriam para suas filhas era exatamente o contrário, pediriam para preservar o casamento já que importava manter a família unida. Foi uma reação, a força da mulher na recuperação do poder matriarcal.

Passamos a viver somente com minha mãe, tudo ficou em desalinho, a partir daí começamos a viver com muitas privações e dificuldades. Minha mãe sofria calada, parece que perdeu a vontade de viver, tanto que por um longo período de tempo, parou de acreditar na felicidade. Creio até que teve depressão, mas como naquela época não havia esse diagnóstico, ela mesma dizia que estava com tristeza na alma. As nossas vidas sofreram muitas mudanças, inclusive tivemos que mudar até de bairro, com isso mudei também de escola.

O tempo vai se passando e as feridas vão se tornando mais difíceis de cicatrizar. Já na nova escola, era uma quarta feira, do dia 06 de agosto de 1980. Abri a porta, pedi licença e entrei, cumprimentei a professora e os demais colegas. A disciplina era de história, uma grande tragédia, a bomba atômica⁶ detonada pelo homem como arma de guerra. Um aluno que sentava na frente gritou, professora temos uma colega nova e ela tem cabelo de bombril, todos riram. A professora nem sequer levantou a cabeça para me olhar e nem tão pouco chamou a atenção desse aluno por essa falta de respeito. A partir desse momento fiquei paralisada, com uma vontade de sumir, “sempre me senti oprimida e inibida no ambiente escolar. Fazia de tudo pra não ser notada, para me livrar das piadinhas e xingamentos racistas de alguns colegas (VIDEIRA, 2009, p.65). Essa pratica infelizmente e parte da história da maioria das crianças negras.

Certamente a memória que tenho desta escola, Gonçalves Dias, me fez ver o quanto ser negra era ruim. Foi um lugar de grandes descobertas, umas positivas e outras nem tanto, uma menina pobre, filha de pais separados e negra. Somente a senhora que distribuía a merenda era negra. Por muito tempo odiei ser negra, tinha vergonha da minha cor. Me isolei completamente de todos, passei um bom tempo sem conversar com ninguém, não tinha vontade nem de abrir a boca. Tomei uma decisão que foi fundamental pra mim, resolvi me dedicar mais, além do normal pra obter as melhores notas. Só assim eu consegui um lugar de destaque.

Por um logo período do tempo a minha meta dentro da escola, sempre foi poder ocupar um lugar. “Para além de simplesmente ocupar espaços, é necessário um real comprometimento em romper com lógicas opressoras” (DAVIS, 2016, p.20). Para mim essa argumentação de Davis, só reforça a minha necessidade incessante de ir cada dia mais em busca de me conhecer e procurar núcleos que reforce a identidade negra para resolver as minhas questões. Por detrás disso também está a idéia opressora de que o negro precisa ser melhor que os outros em tudo. Se ele for igual ou minimamente menos inteligente, ou menos qualquer coisa, ele não é suficiente. O negro tem que ser 10 vezes melhor, para corresponder o perfil do branco, o que não deixa de ser um feitiço de opressão.

Já na quarta série, mudei de sala mas a minha situação continuava a mesma, a tendência era só piorar. Desejei por um longo período de tempo morrer pra poder nascer em outra família ou talvez em outro lugar e de preferência nascer branca. Na certeza que seria diferente achava que a vida das pessoas brancas era melhor. De acordo com Sousa:

⁶Foi o primeiro e único momento na história em que armas nucleares foram usadas em guerra e contra alvos civis. A bomba atômica de urânio (Little Boy) foi lançada sobre Hiroshima em 6 de agosto de 1945, seguido por uma explosão de uma bomba nuclear de plutônio (Fat Man) sobre a cidade de Nagasaki em 9 de agosto de 1945.

O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação a realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer (SOUSA, 1983, p.05).

A tentativa de tornar o negro invisível é um dos empecilhos para o desenvolvimento da construção de estratégias contra os desmandos dos opressores. Eu chegava em casa, ficava em frente ao espelho e via o reflexo de uma menina normal, com dois braços, duas pernas, boca, olhos, nariz, sobrancelha e cabelo.

Em um dado momento eu comecei perguntar o porquê das brincadeiras direcionadas somente a mim. Até que uma menina chamada Michelly, falou com muita clareza, eles estão rindo do seu cabelo; não é igual aos nossos. Só você tem cabelo diferente e bem curtinho igual ao dos meninos. “Eu sinto o problema do racismo como uma ferida. É uma coisa que penso e sinto todo tempo. É um negócio que não cicatriza nuca” (SOUSA, 1983, p.07). Desequilibrada, fiquei sem saber o que falar sai correndo pra minha casa, pensei que essa história de cabelo já tinha acabado.

Assim que cheguei em casa perguntei pra minha mãe, o porquê do meu cabelo ser assim, ela me olhou e disse que era igual do meu pai. Perguntei à ela se não podia mudar, pelo menos ficar igual ao dela. Pois o cabelo da minha mãe é o que se chama de encaracolado. Sempre muito objetiva disse-me que não, mas muitas pessoas têm o cabelo igual ao seu e nem se importam com isso e pronto.

A propósito não me restava muita coisa a fazer, a não ser chorar e lamentar essa situação. A partir dessas brincadeiras preconceituosas, voltei a me olhar no espelho e desta vez foi diferente, acabei por perceber que eu estava fora dos padrões das minhas colegas de classe. Fiquei muito assustada com o que estava acontecendo e foi a partir desse episódio que acabei odiando o meu cabelo, meu nariz a cor da minha pele e o meu corpo. O espelho se tornou o meu maior inimigo, “quando a dor faz sua entrada na cena psíquica o prazer retira-se, recolhe-se aos bastidores” (SOUSA, 1983, p.09). Sinto que ser negro, é atravessar vários desertos na vida, este foi um dos primeiros de muitos dos quais eu atravessei e o que é pior um desses deserto pra mim, foi ter nascido mulher e negra.

Em um dado momento inusitado, dentro da sala de aula que a professora da disciplina de Comunicação e Expressão, estava entregando as avaliações corrigidas, e eu fui a única que tirei a nota (8,5), pois ela teve o despropósito de olhar na minha cara e dizer: *você tirou uma nota boa que sorte a sua, se continuar assim é menos uma mulher na cozinha, como doméstica*

ou babá, continue se esforçando parabéns. Você precisa dar orgulho pra sua mãe. Hoje me recordo desse fato e vejo o quanto já existiam pessoas racistas. Por conseguinte a isto, a afirmação de Videira discorre que, “o racismo era reforçado pelo conteúdo escolar trabalhado pelos professores, em que o negro só aparecia em condições de inferioridade e desprestígio social, moral e econômico” (VIDEIRA, 2009, p. 65). O que mostrava é que até os professores estavam à vontade para se colocar, pois não havia nada, nem ninguém que dissessem que era incorreto tratar uma criança com tanto desrespeito.

O que Sousa afirma é que, “o racismo tende a banir da vida psíquica do negro todo prazer de pensar e todo pensamento de prazer” (SOUSA, 1983, p. 02), isso interfere em todos os aspectos da vida do indivíduo.

Os anos foram se passando e os questionamentos persistiram, porém com uma nova fala. Certamente com mais cautela, sendo que neste momento eu já estava bem crescida. Incrível como a vida real caminha lado a lado com a ficção. Justo nesta época estava no ar a novela “Corpo a corpo” de Gilberto Braga, onde a atriz Zezé Mota⁷ fazia par romântico com o ator Marcos Paulo, *uma atriz negra, fazendo par romântico com um homem branco*. Esse era o assunto do momento em todos os lugares, inclusive na escola.

Começo a acreditar que realmente não tenho nada de belo de acordo com padrões estabelecidos, que são eurocêntrico, e realmente me entristeço com isso, dando razão a todos os meus colegas de classe, que zombavam mim. De acordo com Sousa:

Um certo modo de reação apática, fruto da introjeção da imagem do negro constituída pelo branco, onde o negro reconhece tacitamente sua inferioridade, e a postura evitativa da confrontação ombro-a-ombro com o branco eram tipos de respostas do negro ao preconceito de cor que se configurava não só em obstáculo a ascensão, como redundavam em verdadeiros danos a sua imagem, conduzindo-o a avaliações autodepreciativas (SOUSA, 1983, p. 22).

Me reconheço dentro da fala da Sousa, pois diante da minha fragilidade não havia possibilidade para o confronto, são tantas as alegações dos brancos contra os negros que se

⁷“O casal formado pelo Marcos Paulo e por mim causou um reboiço danado. (...). Os telespectadores que participavam dos grupos de discussão da novela achincalhavam. Vinham com as visões mais preconceituosas. Uma nordestina dizia que mudava de canal porque não podia acreditar que um gato como o Marcos Paulo pudesse ser apaixonado por uma mulher horrorosa (eu). Outro achava que o Marcos Paulo devia precisar muito de dinheiro para se humilhar a esse ponto. Fizeram uma enquete e saiu em um jornal. Teve um homem que disse ‘Se eu tivesse que beijar essa negra horrorosa, eu chegaria em casa e lavaria a minha boca com água sanitária’”. (<https://extra.globo.com/famosos/zeze-motta-relembra-racismo-por-fazer-par-com-marcos-paulo-em-novela-achincalhavam-22659687.html>). Acesso em 12/09/19

acaba caindo no conformismo. Sem perspectiva nenhuma de lutar contra tais afirmações. E aí mais uma etapa da minha vida termina, lá se vai o ensino médio (1991), vem aí as cenas dos próximos capítulos, agora não mais de uma menina negra e sim de uma mulher negra.

O mercado de trabalho não me reservou acontecimentos notáveis. Percebi que quando o negro está em situação de submissão, subalterno ele não incomoda, mas quando tem visibilidade, ocupando lugar de destaque ele se torna uma ameaça. Então com muito afinho, mais uma vez criei uma estratégia para romper com essa opressão descabida, o que me motivou ainda mais para alcançar meus objetivos dentro da empresa onde fui admitida.

Eu decidi que ninguém mais vai me fazer sentir reduzida, não vou mais me curvar pra ninguém por causa da minha cor. “A violência racista do branco exerce-se, antes e mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro” (SOUSA, 1983, p.02). Eu já tinha um lugar de destaque na empresa e isso pra mim, foi o suficiente para elevar minha autoestima. Em determinadas situações eu me sentia obrigada a ter que aprender todas as especificidades das mercadorias, a ponto de decorar códigos de barras, números de série e até os preços quase que de todas as mercadorias. Foi um meio que eu encontrei para não ser posta de lado, ser atuante dentro do meu trabalho e não passar despercebida. Na visão de Ribeiro:

A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida (RIBEIRO, 2017, p. 26).

Para além desta reflexão a existência de dois lados: um que caminha para tendência de se conformar, ou seja, aceitar normas, valores preestabelecidos pelo branco e outro um percurso sofrido para se alcançar a tão sonhada posição almejada em busca da sobrevivência. Para uma mulher negra não era muito comum naquela época, mas eu era a única que podia corresponder às expectativas de bons negócio na empresa, ainda que “a história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação, aos padrões brancos de relações sociais” (SOUSA, 1983, p. 23), me sentia obrigada a representar e fazer partes desses padrões.

O ser humano, chega a ser incoerente, enquanto não aproximarmos nossas práticas de nossas falas e ações, nada vai mudar. Estamos em uma retórica, isso nunca acaba, pois cada fase da minha vida nada foi simplificado para o lado positivo.

Era uma desqualificação total descaradamente e sem cerimônia, mas eu tolerava já que precisava do emprego. Mesmo quando eu fazia algo de positivo que dava visibilidade para a empresa, vinha os elogios *ela só é pretinha, mas é muito inteligente*, não que eu não gostasse

de ser chamada de pretinha, entendo nessa fala uma vontade de me diminuir. Desta forma Ribeiro alega que:

Costumo brincar que não posso dizer que luto contra o racismo e amanhã, às 14h25, se der tempo, eu luto contra o machismo, pois essas opressões agem de forma combinada. Sendo eu mulher e negra essas opressões me colocam em um lugar maior de vulnerabilidade. Portanto, é preciso combatê-la de forma indissociável (RIBEIRO, 2017, p. 43).

O que me tornava mais vulnerável ainda, visto que essa fala vinha dos meus superiores, e eu me via completamente de mãos atadas, simplesmente porque havia uma hierarquia entre nós. Outro ensinamento de Ribeiro é que:

Falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação. A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva ai se está confrontando o poder (RIBEIRO, 2017, p. 45).

Um poder que muitas vezes está condicionado a ser ocupado somente pelo branco. Me sentia um grão de areia no deserto, impossibilitada de confrontar, pois além de mim, não havia mais funcionário negro na empresa. Mesmo que tivesse, eu não saberia articular uma fala contundente para deter tais comentários pejorativos. Porque o negro não podia ter lugar de destaque, sempre tinha que ser inferior em posição de subserviência. Cheguei a me sentir doente por um longo período de tempo nesta fase da minha vida.

Logo entra em cena a minha vida afetiva, com três anos de namoro casei. Depois de quatorze anos, acontece o divórcio. Começou a passar um filme na minha cabeça, todos aqueles problemas do passado entre meus pais vieram à tona, só que agora eu era a protagonista. Um ano depois a empresa onde eu trabalhava fechou e eu estava desempregada. Comecei a me reconstruir, estabelecer propósitos diferentes para o meu futuro. Enquanto mulher negra, dona de casa e sozinha. Na trajetória apresentada nas linhas narrativas e reflexivas, torna-se essencial suscitar a construção da minha identidade negra. Assim uma consideração a ser exposta aqui diante do processo identitário, coloca em ênfase neste momento a subjetividade. Por sua vez é nela que se encontra os melhores resultados das marcas singulares da construção das crenças e valores do que se considera a realidade pelo meu estado de consciência.

1.1 – ENCANTOS E DESENCANTOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como a transmissão desse conhecimento aos demais (DAVIS 2016, p.37).

Resistência é o que define o povo negro e reforça a luta contra a marca da inferioridade. Não se trata somente de resistir a opressão do branco, mas também de uma resistência por parte do negro por manter a sua própria cultura e identidade. No texto de Agostinho Olavo⁸, na dramaturgia do teatro negro – Medea, nega-se em aceitar o chamado da sua ancestralidade.

MEDEA (Cantando e dançando) Anagogô... auê... auá, Anagogô... auê... auá. Ogun já chegou, Ogun vai baixar. (da floresta, responde o côro dos negros) Anagogô... auê... auá, Anagogô... auê... auá. Ogun já chegou, Ogun vai baixar. MEDEA (parando bruscamente e lutando contra a atração do ritmo) Não. Não quero ir. Não hão de me levar. Mas por que me chamam assim? Por que não param de tocar? (OLAVO, 1961, p. 204).

São muitos os fatores pelos quais, perpassam a construção da identidade negra. Cresci com a informação que o branco era perfeito, superior e sempre com melhores oportunidades. Quanto mais se aproxima do branco a uma melhor aceitação e reconhecimento, porém à medida que vai se a semelhando ao negro surge o confronto e até mesmo a desvalorização deste sujeito. E foi por essas questões que eu tive muitos problemas em construir a minha própria identidade. Sendo que o branco contribuiu de uma forma brutal, para que eu recuasse neste reconhecimento se utilizando desses privilégios étnicos. O que por conta de toda essa pressão eu neguei minha identidade, tentando me tornar socialmente branca.

Obtive informações sobre um curso somente para mulheres na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Projeto de Extensão intitulado de Universidade da Mulher⁹, visualizei uma grande oportunidade de entrar na universidade. Resolvi me inscrever, fiz a prova após alguns dias saiu o resultado. Fui aprovada, começou o semestre e todas as disciplinas estavam

⁸ O autor Agostinho Olavo escreveu, em 1957, a peça Além do rio, apoiando “a concepção do drama em três bases: a tragédia grega, de que adapta o enredo, as cantigas folclóricas e os cantos dos ritos afro-brasileiros”. Agostinho Olavo não era negro, mas tinha ligação com as aspirações do TEN – Teatro Experimental do Negro, pelo qual foi convidado a escrever uma peça. Dessa proposta surgiu, então, Além do rio que acabou sendo escolhida por Abdias do Nascimento para representar o Brasil no Festival Mundial das Artes Negras, em 1966, no Senegal. Além da atuação do grupo, a temática da peça, por si, justificava a sua participação, já que a obra tem como tema o reencontro com a identidade.

⁹ UNIMULHER – Universidade da Mulher: programa de extensão da Unifap, destinado às mulheres de mais de 30 anos, disponibiliza ações educacionais, culturais e sociais. As disciplinas e oficinas ofertadas visam a inclusão, qualificação e aperfeiçoamento do saber da mulher, bem como práticas para consciência corporal, desenvolvimento pessoal e social.

direcionadas ao atendimento à mulher. Tratava-se de: *Educação Inclusiva, História da Mulher, Direitos da Mulher, Equidade de Gênero, Saúde Preventiva, Técnicas de Apoio à Mulher em Situações de Riscos, Empreendedorismo e Teatro*. Com isso desenvolvi vários trabalhos, com temas relevantes, o que ampliou a minha visão sobre diversas questões, inclusive de gênero e sobre a identidade da mulher negra. Depois de adquirir conhecimento é que eu consegui descortinar a minha identidade e passar a me reconhecer enquanto uma pessoa negra. Um dos trabalhos que mais me causou impacto, tanto na minha vida pessoal como na vida acadêmica, foi a construção de uma Carta de Intensões. Que foi entregue a todos os setores de atenção à mulher e um seminário de inclusão onde todas as instituições governamentais se fizeram presentes. Passei a conhecer melhor a rede de apoio as mulheres em situações de risco. Constitui-se em Grupos Focais, que organizam-se conforme a área de atendimento. A articulação desses grupos é muito importante para o fortalecimento da consciência política e social das mulheres aqui no estado do Amapá.

Figura 1- Carta de Intenção para autoridades “Políticas Públicas para as Mulheres”.



Fonte: Arquivo Pessoal (2013, Nelma Silva).

O conteúdo desta *Carta de Intenções*, é uma cobrança das alunas da Unimulher em parceria com sociedade civil, ao poder público para que seja desenvolvida políticas públicas com mais efetividades para mulheres.

Para além de passar a fazer parte deste processo como a criação da carta e conhecer esse contexto sobre o empoderamento da mulher, a minha visão ficou ampla em relação ao que as feministas negras sempre reivindicaram. Entendo quando Ribeiro fala que, “as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimentos de outros” (RIBEIRO, 2017, p. 20). É uma questão muito relevante, não cabe falar de mulher de uma forma hegemônica, sem detalhar questões de raça, serve para nos mostrar que, desde muito tempo, “as mulheres negras vêm lutando para serem sujeitos políticos e produzindo discursos contra hegemônicos”. (RIBEIRO, 2017, p.13).

Figura 2 - Seminário de Inclusão e Mobilização Social para Mulheres.



Fonte: Arquivo Pessoal (2013 Nelma Silva)

Foi no decorrer do curso que me deparei com as disciplinas a cima mencionadas e através das mesmas criei coragem para elucidar a crueldade vivida por mim, durante todos esses anos que antecederam a minha chegada até aqui. Uma vez que eu precisava falar, na verdade o que eu queria mesmo era encontrar uma solução para suprimir de dentro de mim o desejo de anular em mim a presença da minha negritude. O que por muito tempo foi o meu único desejo. No dizer de Sousa, vamos encontrar o seguinte esclarecimento:

A violência parece-nos a pedra de toque, o número central do problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla junção: a de encarnar o corpo e as ideias de ego do sujeito branco e a recusar, negar e anular a presença do corpo negro (SOUSA, 1983, p. 02).

Em conformidade com a fala de Sousa, foi exatamente para fugir dessa violência contínua e cruel que eu passei a rejeitar a minha própria figura, com a sensação de não pertencimento. É exatamente, neste momento que sentir a necessidade de explorar mais esse tema, pois acreditei que seria o fio condutor que iria me levar a solucionar a problemática sobre o meu passado. O meu percurso dentro do curso foi importante porém difícil, pois não bastava ser negra, mais era preciso apresentar questionamentos acerca da minha negritude, mas enfim, eu não possuía um arcabouço para esmiuçar filosoficamente todo esse assunto e isso era doloroso pra mim, a ponto de me fazer sentir invisível. Segundo exemplifica Ribeiro:

O fato da pessoa ser negra não significa que ela saberá refletir crítica e filosoficamente sobre as consequências do racismo. Inclusive, ela até poderá dizer que nunca sentiu racismo, que sua vivência não comporta ou que ela nunca passou por isso. E sabemos o quanto alguns grupos adoram fazer uso dessas pessoas. Mas, o fato dessa pessoa dizer que não sentiu racismo, não faz com que, por conta de sua localização social, ela não tenha tido menos oportunidade e direitos (RIBEIRO, 2017, p.38).

O que me faz lembrar que muitas vezes, fui induzida a ignorar atos racistas pelos meus professores do ensino fundamental principalmente, ao longo da minha vida estudantil, afirmando que eu estava enganada, que era coisa da minha cabeça. Lógico que eu não tratava as minhas queixas com nomenclatura de racismo¹⁰, pois não haveria possibilidade. Durante a trajetória do curso dentro da Unimulher, conheci grupos de mulheres que me possibilitaram vivenciar experiências e um aprendizado muito importante. A partir dessa convivência passei enxergar minha identidade enquanto mulher negra e de certa forma me aceitar de verdade. Me ampliou ainda a perspectiva para uma vivência potente em relação a minha aceitação como mulher negra. Tanto pessoal como profissional.

Enfim tirei a mordaza que me assombrou ao longo desses anos, me calando e me excluindo da minha cultura. Percebo agora o quanto fui infeliz negando a minha própria existência.

¹⁰ Racismo consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais baseadas em diferenças biológicas entre os povos. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, assinada em 5 de janeiro de 1989, pelo presidente da República, José Sarney.

1.2 – A INTERPRETAÇÃO DA VIDA REAL

Ser acadêmica da Universidade Federal do Amapá sempre foi meu sonho. Certa de que agora terei uma graduação. O ensino superior, desde muitos anos é conhecido como um caminho de realização pessoal e de modalidade social. Devo confessar que o curso de licenciatura em teatro não foi a minha primeira opção, mas como foi a oportunidade que me fez entrar na universidade por mérito e isso pra mim já vale muito.

Figura 3 - Recepção dos Calouros 2016



Fonte: Arquivo Pessoal (2016 Nelma Silva)

Mas entrar na universidade não me poupou de sofrer racismo. Certo dia voltando da faculdade em um coletivo, eis que entra uma pessoa, que por um bom tempo não nos víamos, conhecida de longa data sentou-se ao meu lado me cumprimentou, e logo em seguida indagando-me de onde eu vinha, respondi da faculdade. Sem titubear perguntou que curso eu fazia, respondi Licenciatura em Teatro. Com um ar de espanto, por não saber da existência do curso e seguindo com um riso do lado esquerdo da boca, disse-me que esse curso não tinha futuro aqui em Macapá, mesmo porque ser artista não é profissão. Falou em alto e bom som, que hoje em dia ser atriz já é difícil em uma cidade grande, agora você imagine aqui em Macapá. Fez questão de me lembrar que sou negra e com a idade que eu tenho, era bem difícil conseguir alguma coisa. Na afirmação de Sousa vemos que:

A violência racista subtrai do sujeito a possibilidade de explorar e extrair do pensamento todo o infinito potencial de criatividade, beleza e prazer que ele é capaz de produzir. O pensamento do sujeito negro é um pensamento que se auto restringe. Que delimita fronteiras mesquinhas à sua área de expansão e abrangência, em virtude do bloqueio imposto pela dor de refletir sobre a própria identidade (SOUSA, 1983, p.10).

O racismo fragiliza os negros aponto de neutralizá-lo. O racismo está tão impregnando em determinadas pessoas, muitas vezes e pela ignorância de não se ater ao que de fato é a prática racista. Sobre tudo isso se aplica em demasia com as mulheres negras. As mulheres negras fazem parte de um “contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira porque o modelo estético de mulher é a mulher branca” (CARNEIRO, 2003, p.21). Isso de fato não quer dizer, que nós enquanto mulheres negras não podemos mudar este estereótipo, apesar das imposições manifestadas pela sociedade, podemos e temos o dever de mudar.

Expliquei para essa pessoa que embora no curso de Teatro ensina-se técnicas teatrais, o meu interesse não era ser atriz e sim professora. Falei isso pra encurtar a conversa e mudar de assunto. Mas depois pensei que poderia ter respondido que iria ser o que eu quisesse, pois na minha vida mando eu. Durante toda a minha trajetória de vida foi muito doloroso ter que todos os dias juntar forças pra suportar críticas que por muitas vezes, eram desnecessárias.

2 – A AFIRMAÇÃO DO NEGRO NA ARTE

Ponciá Vicêncio

A vida era um tempo, misturado do antes – agora - depois e do depois – ainda. À vida era uma mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser.

Conceição Evaristo¹¹

Não atravessei a estrada da escravidão. O meu corpo não possui marcas de açoite do feitor. Nunca fui prioridade de nenhum senhor, porém, mesmo que já tenha se passado mais de cento e trinta e um anos da escravidão, eu ainda sinto no ar o cheiro desse mal, escuto vozes e gemidos de horror e não me sinto liberta. Me sinto arrastando uma corrente muito pesada nos pés, representando toda forma desfigurada e desumana vivida pelo meu povo negro, sob a visão do branco. Por conseguinte, me escondia, evitando me pronunciar e negando toda e qualquer questões relacionada ao negro. Neste caso fui relapsa comigo mesma, como bem salienta SOUSA (1983, p. 14), ao comentar a maneira de como me despir da minha própria identidade.

Visando evitar a dor o negro desiste de defender sua “verdade” da palavra branca. Expurga de seu pensamento os itens relativos a questão da identidade que ele poderia criar e outorga ao discurso do branco, ao arbitrário poder de definir o que ele pode, deve pensar sobre si mesmo.

Inclusive pra mim se tornou cômodo me afastar da cultura afrodescendentes. Procurava não me ater sobre esse panorama, evitando certos julgamentos, digo isso, pois as festas em louvores aos santos das quais o meu pai era festeiro nunca interessaram, nem o batuque¹², nem o marabaixo¹³. Já o carnaval sempre me chamou atenção e é a minha maior aceitabilidade.

¹¹ Escritora, poetisa, romancista e ensaísta brasileira, é militante do movimento negro, com grande participação e atividade política social.

¹² Festividade folclórica de origem africana presente em comunidades quilombolas do estado do Amapá (entre elas, Curiaú, Igarapé do Lago e Mazagão Velho). Ligado à religião católica apostólica romana, no **batuque** existe a face religiosa (onde Jesus e os santos da comunidade são venerados com missas, novenas, ladainhas rezadas em latim e procissões) e a face profana (almoços, bailes e festejos que incluem a dança do batuque).

¹³ É também considerada de origem africana realizada pelas comunidades negras do estado do Amapá. Consiste em homenagear o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade com missas, novenas, ladainhas (parte sagrada dos festejos) e danças de roda (parte profana dos festejos) puxada pela batida de tambores chamados de "caixas de **marabaixo**". Supõe-se que o nome venha do vocábulo árabe "marabut" (louvar) ou do fato dos negros terem sido trazidos mar abaixo, da África para o Amapá. Mistura a religiosidade da Igreja Católica Romana (pombo do

Somado a isso, era um misto de vergonha, preconceito o que na verdade era uma incompreensão da minha própria pessoa. “Não dá pra lutar contra o que não se pode dar nome” (RIBEIRO, 2018, p.14). O que de fato acontecia e que eu sempre buscava respostas pra tudo e o que é pior nunca as encontrava.

Entendi na fala de Djamila Ribeiro que conhecer minha história, a história dos meus antepassados, me possibilitou “romper com a história única e identificar tudo aquilo de negativo que havia sido dito sobre pessoas como eu” (RIBEIRO, 2018, p.14). Provavelmente, o que estava faltando pra mim era exatamente conhecer a minha história e ter a capacidade de enfrentar a aversão construída contra a minha condição de sujeito negro, melhor dizendo mulher negra.

A Universidade me proporcionou uma conexão com o meu pertencimento o que me levou a aceita-lo e a entender que eu não preciso me afastar das minhas raízes e nem ter vergonha, pois isso não me diminui, mas sim, me fortalece. Pois elas são as linhas mestras que através do conhecimento, do convívio, da atuação, das vivências com o mundo inspiraram a conhecer minha ancestralidade através das histórias da minha vida ao longo desta caminhada dentro e fora dos muros da universidade.

Cada semestre acontecia uma inovação frente ao meu aprendizado dentro da universidade. Isso foi possível com a disciplina oferecida no final do ano de 2017, Prática Pedagógica III. Onde estudamos os temas transversais¹⁴, ministrada pelo Professor e Mestre Emerson de Paula. Foi muito interessante pra mim, principalmente porque através dessas aulas tive a oportunidade de desvendar a aplicabilidade do tema afrodescendente dentro da sala de aula de uma maneira subjetiva e consciente. Aprendi que “reconhecer a subjetividade faz parte de um processo importante de transformação” (RIBEIRO, 2018, p.14). Foi esclarecedor pra mim, a minha conduta enquanto mulher negra, tomou um outro direcionamento.

Inclusive a escolha do meu tema de TCC deu-se a partir das experimentações com esta disciplina aqui citada, que em decorrência disso e que com muito entusiasmo, percebi que preciso encontrar-me e reconstruir-me. Tema este do qual me esquivei desvendar e que na minha memória, ainda se apresentava de forma borrada.

Espírito Santo, coroa da Santíssima Trindade, etc.) com rituais de origem afro (levantação dos mastros, quebra da murta, etc.).

¹⁴ Segundo o Ministério da Educação, “os temas transversais estão voltados para a compensação e para a construção da realidade social e dos direitos e responsabilidades com a vida pessoal e coletiva e com a afirmação do princípio da participação política. Isso significa que devem ser trabalhados, de forma transversal, nas áreas e/ou disciplinas já existentes”.

Nesse trajeto percebi o quão essencial se tornou para mim refletir nesse processo de escrita sobre as histórias e personagens de mulheres negras que se reconstruíram e se projetaram de forma artística dentro ou fora do palco. Sejam elas: mães pretas, escravas, donas de casa, estudantes, educadoras, sociólogas, escritoras, poetisas, romancistas, ensaísta e muitas outras mundo afora, mas que abriram caminhos para outras negras. Sendo que uma dessas pretas possa ser representada por mim. Não posso sair das teias tecidas com as linhas que se entrelaçam à história de um povo da qual eu faça parte. A afirmação de Sousa, vem de encontro ao meu maior desejo, quando afirma:

Saber-se negra e viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetidas a exigência, compelida a expectativas alienadas. Mas também e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUSA, 1983, p. 18).

A aquisição desta potencialidade dentro da universidade me ajudou a romper com o imaginário de que o povo preto não pode fazer parte das classes privilegiadas.

Pensar em afirmação do negro na arte, e pensar na pessoa de Abdias do Nascimento¹⁵, que entra neste cenário como militante da luta, contra a discriminação racial e pela valorização da cultura negra. Ator, diretor, economista e dramaturgo torna-se responsável pela criação do Teatro Experimental do Negro (TEN). Fundado em 13 de outubro de 1944, no Rio de Janeiro, com apoio de amigos e intelectuais brasileiros. A proposta de ação da companhia é reabilitar e valorizar a herança cultural a identidade e a dignidade do afro-brasileiro por meio da educação, da cultura e da arte.

Isso se deu no início da década de 1940, em uma viagem ao Peru, quando Abdias assiste a um espetáculo,¹⁶ o qual o personagem central é interpretado por um ator branco tingido de negro. Refletindo sobre essa situação, comum no Teatro brasileiro de então, propõe-se a criar um teatro que valorize os artistas negros¹⁷. Do ponto de vista de Ieda Martins, o TEN, foi quem colocou o negro para um teste de resistência, em mais um drama que é dissociar a situação aviltante no qual o negro foi exposto dentro de uma construção deturpada da imagem do negro.

¹⁵ Abdias do Nascimento (1914-2011)

¹⁶ *O Imperador Jones, de Eugene O'Neill (1888-1953)*

¹⁷ Teatro Experimental do Negro (TEM). In: ENCICLOPEDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399330/teatro-experimental-do-negro-tem>>. Acesso em: 08 de Out. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN:978-85-7979-060-7.

No lugar de referências privilegiado que constitui a cena teatral, desenrola-se, pois, para o negro, um drama particular: a invenção e a circulação de uma imagem sombreada, de uma face invisível, de uma voz reprimida que o Teatro Experimental do Negro, a partir de 1944, tentará descentrar, romper e desvelar (MARTINS, 1995, p. 44).

Para além de romper com todas as referências negativas capazes, de atingir o grau de civilização imposta ao negro, Abdias por meio da conscientização e alfabetização recrutou entre operários, empregadas domésticas, favelados sem profissão definida, modestos funcionários públicos, além de realizar trabalho pela cidadania do ator¹⁸. Dessa forma, Abdias do Nascimento não só valorizou o negro, como o capacitou para representar e atuar com a mesma capacidade dita pelo branco. A essa altura o Teatro Experimental do Negro, fez toda a diferença não mudando os moldes do que seria o teatro convencional, pois é um movimento estético e político dentro da dramaturgia. Mas simplesmente dissolveu a ideologia de insignificância do negro devolvendo sua própria existência dentro da cena teatral brasileira.

Para o palco o Teatro Experimental do Negro, usou como estratégia o manifesto tanto na produção como na encenação, dando retorno aos danos causados pelo preconceito e discriminação. “A experiência de ser negro, ou de torna-se negro, encenada por esse teatro pressupõe o reconhecimento da alteridade como um valor de fundação” (RIBEIRO, 1995, p.196). O Teatro Experimental do Negro, possibilitou aos artistas negros adentrar em todas as esferas da dramaturgia desde o papel principal, até os papéis secundários, como formas de discutir a resistência bem como a discriminação racial.

2.1 – MULHERES NEGRAS: SUJEITOS POLÍTICOS PRODUZINDO DISCURSOS CONTRA HEGEMÔNICOS.

Esta primeira ideia em contextualizar o feminismo negro, foi a maneira de evidenciar fases da obstinação desumana da desvalorização e discriminação da mulher negra. Visto que não se pode falar da mulher negra no Teatro Brasileiro sem explorar referências e discussões nos movimentos sociais.

Mesmo porque estamos falando do Teatro Experimental do Negro, que pensou na mulher negra para além do teatro, com uma perspectiva do não sombreamento. Como salienta Valente:

Desde a chegada da mulher negra no Brasil, na condição de escrava, iniciou-se a luta em prol de vida com dignidade na sociedade brasileira. Assim mesmo sendo a discriminação racial ou racismo declarada crime, a sociedade, ainda age em relação ao negro, camufladamente de forma bastante preconceituosa e racista. Nesse contexto estão “as mulheres negras e as mulatas que em geral, sofrem de tripla discriminação: sexual, social, e racial. Portanto tudo o que se coloca como problemática para a população negra atinge especialmente as mulheres” (VALENTE, 1994, p. 56).

Valente descreve, um fato muito antigo mas ao mesmo tempo muito recorrente, porém vemos que a mulher negra desde que aportou no Brasil, foi destinada a esta à margem da sociedade, fadada para uma vida de discriminação e desvalorização por sua origem, que se instaura no quesito identidade, além das características fenotípicas. A discriminação contra a mulher negra se estabelece em todos os setores estruturais, deixando-a enclausurada. Dentro de um papel de total submissão, refletindo até na esferas da vida privada. Ao passo que Brasil ainda prevalece desde os tempos do colonialismo a hegemonia branca. Atuando de forma violenta excluindo as pessoas não brancas, violando seus direitos, trata-se da exclusão aplicada principalmente sobre as pessoas negras, como descrito por Gonzales “(...) a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha etc. mas tornar-se mulher negra é uma conquista” (GONZALES, 1983, p. 240). Isso faz com que a identidade seja entendida como ímpar. Cada mulher possui um histórico próprio vindo do resultado ao longo da vida e está ligada a representatividade.

Não se sentir representada também evidencia outra relação como estratégia de poder e emancipação da identidade negra, estabelecida pela construção dos grupos e movimentos sociais.

Em outras palavras podemos refletir sobre o feminismo negro, com uma das formas organizadas para dar visibilidade sobre as especificidades desta mulher negra dentro do contexto de dominação existente também no movimento feminista dito como universal. Saffioti, traz um discurso dentro do processo de priorização:

Em geral, dada a baixa participação de negras em movimentos feministas (o que parece decorrer grandemente do preconceito das brancas, que não levam em conta a especificidade da condição da mulher negra), as cisões, as dissensões, os desacordos derivam da necessidade de uma de priorizarem as chamadas lutas gerais e da necessidade de outras de atribuírem maior importância ao combate da dominação da mulher pelo homem (1987, p. 88).

Para Saffioti, evidencia-se uma falta de um recorte racial nas discussões dentro movimento feminista priorizando questões racistas, desta forma as mulheres negras se sentiam em posição desfavorável de igualdade até mesmo em relação as fortes relações de gênero. Em

outras palavras invariavelmente isso termina nos chamados “rachas” dos movimentos feministas.

O feminismo negro não pretende, de forma alguma, deseja criar uma cisão no movimento feminista. O que se pretende é justamente superar essa cisão que já existe. Seria leviano afirmar que o movimento feminista, da forma como estava posto, contemplava as mulheres negras. Na verdade, se destrincharmos as bandeiras clássicas veremos que elas se erguiam pelas e para as mulheres brancas. Com o feminismo negro, com mulheres negras se reunindo para falar de si mesmas, vamos enfrentar e vencer (como fizeram muitas mulheres negras ao longo da história) a sociedade machista e racista que insiste em nos desafiar¹⁹. A expressão cisão, é pensada por outro ângulo na fala de RIBEIRO (2017, p. 09)

Ainda é muito comum se dizer que o feminismo negro traz cisões ou separações, quando é justamente o contrário. Ao nomear as opressões, de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões, de não criar, como diz Angela Davis, em *Mulheres negras na construção de uma nova utopia*, “primazia de uma opressão em relação a outra”.

A autora explica ainda que:

Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que historicamente, vêm pensando em resistência e reexistência (RIBEIRO, 2017, p. 09).

Desta forma, ao longo dos anos de condicionamento, de fato a mulher negra ainda não poder afirmar em sua totalidade que possui autonomia em todas as esferas, mas mesmo que ainda em passos lentos e com poucos avanços. Muitos espaços já estão sendo ocupados por essas mulheres. Por sua vez muitas dessas mulheres, já se tornaram protagonistas de sua própria história, transitando por espaços destinados somente à mulher branca.

2.2 - O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA NO TEATRO BRASILEIRO

Consiste afirmar que as mulheres negras, ousaram com muita persuasão e encantadas pelo Teatro, enfrentaram reações de descrenças numa época em que era incomum para artistas

¹⁹ Michele Sodré, 17 Dezembro 2012, Mais mulheres, mais mulheres negras e mais feminismo negro, esse é o nosso horizonte. *Estudante de História da UFBA, coordenadora de mulheres do CAHIS, militante do Coletivo Quilombo.

negras fixarem uma carreira profissional de atuação, por causa da estrutura social racista.

A propósito, vou citar aqui três ícones, precursoras do Teatro Brasileiro que representaram a mulher negra de diversas formas. Mulheres que brilharam dentro do contexto da dramaturgia teatral e também foram responsáveis por abrirem caminho para outras atrizes com menos experiência e que hoje são suas sucessoras dentro desse contexto teatral. Ressalto ainda que já temos um número bem mais expressivo de representantes negras tanto no Teatro bem como na Teledramaturgia. No mais, posso afirmar que a mulher negra está muito bem representada neste quesito, ainda que seja pouco em relação ao contingente de mulheres brancas na cena teatral. Muitos nomes mereciam ser citados aqui, porém vou me ater a três nomes que são as que encabeçaram essa abertura: Ruth de Sousa, Léa Garcia e Zezé Motta.

Ruth de Sousa²⁰, considerada uma das grandes damas do Teatro Brasileiro, que ultrapassou variadas barreiras de uma sociedade preconceituosa e se tornou a primeira mulher negra com destaque nacional a fazer Teatro, Cinema e Televisão. Estou falando de uma mulher negra que ousou conhecer os degraus da escada da fama com muito profissionalismo. Ruth de Sousa vivenciou um tempo em que os textos eram escritos sobre o mundo dos brancos e a imagem do negro no Brasil se acentuava somente de subalterno, o menino de recado, a ama de leite, a mulata sensual, o enganador, sempre aquela eterna marca de inferioridade.

Na representação de situações e conflitos familiares, retratando histórias de discriminação e de racismo institucional, onde a realidade acaba se confundindo com a ficção, “pois a arte não tem cor, não tem raça, não tem diferença é tudo uma coisa só” (AFREAKA – RUTH, 2006), e por ter este pensamento, experimentou, transitou e foi afetada até conhecer todos os degraus da fama. Porém não vou me embrenhar em maiores detalhes sobre a *teledramaturgia*, isso não quer dizer que não seja um tema relevante, porém o objetivo aqui e contextualizar a mulher negra no Teatro.

No começo da década de 1940, Ruth conhece o Teatro Experimental do Negro (TEN), grupo criado pelo escritor e dramaturgo Abdias do Nascimento²¹ (1914-2011).

²⁰ Ruth Pinto de Sousa (1921-2019), até aos 9 anos de idade vive com a família em uma fazenda em Porto de Marinho, pequena cidade do interior de Minas Gerais. Com a morte do pai, ela e a mãe voltam a morar no Rio de Janeiro, em uma vila de lavadeiras e jardineiros, no Bairro de Copacabana. Interessa-se por Teatro ainda menina, quando assiste a récitas no Municipal. Atriz pioneira no teatro, cinema e televisão, é a primeira artista negra a conquistar projeção na dramaturgia brasileira. Em sua longa trajetória, de repercussão internacional, contraria as construções estereotipadas de personagens negros.

²¹ Abdias do Nascimento, será a maior referência em Teatro Negro no Brasil, procurou acabar com a prática de atores brancos pintados de preto representando personagens negras, resgatando no País os valores da cultura africana através da educação, cultura e da arte.

Figura 4- Ruth de Souza (representatividade da mulher negra na dramaturgia do país)



Fonte: <http://www.afreaka.com.br/notas/ruth-de-souza>. Acesso: em 13/10/19.

O Brasil é reconhecido internacionalmente por sua dramaturgia e os negros especialmente as mulheres negras, tiveram atuação decisiva no sucesso de telenovelas e peças de Teatro. Ruth de Souza contribui com a reconfiguração do imaginário cultural brasileiro em relação à população negra. Por estrear nos palcos menos de seis décadas após a abolição da escravatura, supera preconceitos e torna-se figura importante na cultura popular, na representação e representatividade da mulher negra na dramaturgia do país. Foi uma mulher à frente do seu tempo que, desafiou toda uma ótica de desigualdades. Conclui-se que Ruth de Souza, assumiu um papel muito importante dentro do Teatro Negro. Vale enfatizar que muitos acontecimentos marcaram a sua vida artística. Com o TEN, Ruth assume papel provocador de um teatro de intervenção e experimentação cênica, voltado à denúncia da exclusão social e da opressão cultural do negro no Brasil. Ela tinha um olhar, ela sabia pensar²². Torna-se a primeira artista negra a aparecer na capa da revista *Manchete*. Foi homenageada no Carnaval carioca

²² RUTH de Souza. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349507/ruth-de-souza>>. Acesso em: 12 de Out. 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

2019, pela escola de samba Acadêmicos de Santa Cruz, com o samba-enredo “Ruth de Souza – Senhora Liberdade, abre as asas sobre nós”, que a celebra em versos como “talento é dom pra vencer / preconceito não pôde calar”. Muitos foram os desafios enfrentados por Ruth de Souza mas conseguiu chegar onde chegou com muita sobriedade, simplicidade e parcimônia conquistou lugar de destaque no Teatro tanto no Brasil como no exterior. Mesmo quando todos afirmavam que negro não era pra estar no palco, ela foi aguerrida e muito arrojada e fez do palco seu lugar de fala.

E no dia 28 de julho de 2019, falece aos seus 98 anos Ruth de Sousa. Foi uma atriz que lutou bravamente por sua identidade, “foi aguerrida e projetou-se a aventura teatral afro-brasileira na forma de uma antecipação, uma queima de etapas na marcha da história, enquanto o negro não desperta completamente do torpor em que o envolveram. Na aurora do seu destino.”²³

Entra neste rool a também atriz que por sinal fez parte do Teatro Experimental do Negro a Léa Lucas Garcia de Aguiar, mais conhecida como Léa Garcia. Aos 16 anos, Léa Garcia conheceu o Teatro Experimental do Negro. Para assistir aos espetáculos teatrais, quando jovem passou a negligenciar os estudos, o que lhe rendeu uma surra pública dada por seu próprio pai. Com isso, Léa fugiu de casa e passou a viver com Abdias Nascimento, fundador do Teatro, com quem teve dois filhos e adquiriu um espírito militante contra a discriminação racial e de gênero, característica que marcou sua trajetória artística.

²³ NASCIMENTO, Abdias. O teatro negro no Brasil: uma experiência sócio-racial. *Revista da Civilização Brasileira*, 1968. Caderno Especial 2.

Figura 5 - Léa Garcia (Compromisso com a luta social da mulher negra).



Fonte: Ernani Pinho / IPEAFRO

Em 1952, Léa estreou como atriz na peça “Rapsódia Negra”, o primeiro de dezenas de trabalhos nos palcos. O cinema surgiu na vida de Léa²⁴ quase que simultaneamente ao Teatro. Em 1959, estreou na telona no aclamado “Orfeu Negro”, com direção de um francês de nome Marcel Camus, filme que ganhou o Oscar de melhor obra estrangeira no ano seguinte, e lhe deu a segunda colocação no Festival de Cinema de Cannes. Foi a única brasileira escolhida pelo Guilford College dos Estados Unidos como uma das dez mulheres do século XX que mais contribuíram para a luta dos direitos humanos e civis.

²⁴ Nascida no Rio de Janeiro, em 11 de março de 1933, Léa Lucas Garcia de Aguiar, conhecida apenas como Léa Garcia, foi criada pela avó materna desde os 11 anos de idade, após o falecimento da mãe. Como a avó trabalhava para uma rica e tradicional família carioca, Léa pôde estudar nos melhores colégios da cidade.

Léa Garcia²⁵ é uma mulher amante do Teatro. Uma das peças destacou a sua trajetória foi *Orfeu da Conceição*²⁶ (1956). Cotada para ser Eurídice, Léa Garcia se encantou com a personagem Mira e conseguiu o papel. Em 2004 foi vencedora do prêmio Kikito de melhor atriz no Festival de Cinema de Gramado por *Filhas do Vento*, filme dirigido por Joel Zito de Araújo.

Em seu trabalho de atriz, Léa levou o ativismo antirracista e as reflexões sobre a situação do negro na sociedade brasileira para os palcos e a dramaturgia. O compromisso com a luta social da mulher é um dos seus legados da época em que atuava no Teatro Experimental do Negro. Atuou como conselheira do Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro no período de 1999 a 2001. Eleita em 2010, ela hoje é diretora artística do Sindicato dos Artísticas e Técnicos em Espetáculos e Direções (SATED).

Léa é autora de dois filmes, um longa-metragem *Aconteceu no Rio de Janeiro* se compõe da adaptação cinematográfica de quatro contos de ficção de autores brasileiros.

Trago ainda dentro desse cenário de atrizes negras, reconhecida como uma das mais importantes militantes do movimento negro brasileiro, Zezé Motta²⁷ é uma referência à expansão da cidadania social da população afro-brasileira. É presidente de honra do CIDAN (Centro de Informação e Documentação do Artista Negro) e já ocupou o cargo de superintendente da Igualdade Racial do governo do Rio de Janeiro. No I Grande Prêmio Brasil de Cinema (2000), recebeu um troféu-homenagem por sua trajetória e contribuição à cultura brasileira.

²⁵ LÉA Garcia. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa400953/lea-garcia>>. Acesso em: 04 de Nov. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

²⁶ Orfeu da Conceição é uma adaptação em forma de peça musical do mito grego de Orfeu transporto à realidade das favelas cariocas. A obra marca o encontro artístico do autor Vinicius de Moraes com Antônio Carlos Jobim que musicou todo espetáculo. O espetáculo estreou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 25 de setembro de 1956 com cenários de Oscar Niemeyer encenado pelo Teatro Experimental do Negro de Abdias do Nascimento.

²⁷ Maria José Motta de Oliveira nasceu em Campos dos Goytacazes em 27 de junho de 1948. Começou a carreira de atriz em 1967 estrelando a peça Roda-viva, de Chico Buarque, sob a direção de José Celso Martinez. Em seguida, atuou em Fígaro, Arena conta Zumbi, A vida escrachada de Joana Martine e Baby Stompanato, Orfeu negro, Godspell, entre outras. Em 1987, junto com o economista Jacques d'Adesky, criaram o Cidan – Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro, cujo site trazia um catálogo de profissionais afro-brasileiros de todo o país e que gerou um CD-ROM com banco de dados com currículo e fotos desses atores e dessas atrizes, com tradução para o inglês e o francês.

Figura 6 - Zezé Motta (prêmio de Melhor Atriz e o reconhecimento internacional)



Fonte: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa14032/zeze-motta>>. Acesso em: 03 de Nov. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-7979-060-7.

Zezé Motta trabalhou em mais de 20 novelas em pouco mais de 40 anos de carreira. Aponta ainda que passou por tempos difíceis, quando só víamos muitos negros numa mesma novela se o assunto fosse escravidão. Conta que se estivesse no ar, Neusa Borges²⁸, que é da

²⁸ Neusa Borges, começou sua carreira em São Paulo, como crooner de orquestra, em casas noturnas. Trabalhou com grandes maestros como Clóvis Lima e Salgado Filho, sempre cantando e dançando. Sua estreia na televisão foi na telenovela *Venha ver o sol na estrada*, com Márcia de Windsor, na RecordTV. No começo de carreira ainda atuou em *Beto Rockfeller*, na extinta Rede Tupi, fazendo pequenas participações até chegar a Rede Globo, onde fez importantes novelas como *Escrava Isaura*, *Dona Xepa*, *Dancin' Days* e *A Indomada*. A atriz é presença constante em tramas de Glória Perez, com ela atuou em *Carmem*, *De Corpo e Alma*, *O Clone*, *Caminho das Índias*, *Amazônia*, *América* e *Salve Jorge*. Soma mais de sessenta anos de carreira e dezenas de prêmios.

mesma faixa de idade, não seria escalada e isso se dava também com os homens, não havia espaço pra muitos negros.

Um de seus trabalhos que mais marcou a sua carreira foi quando interpretou a filha da colega Ruth de Sousa, (*Corpo a Corpo*, 1984), que fazia uma jovem (Sônia) de classe média tinha um romance como o personagem branco (Marcos Paulo 1951-2012). O relacionamento não foi bem recebido por parte do público e causou muita polêmica tanto dentro da narrativa quanto entre a audiência. Quanto à isso vimos que a imagem do negro é construída a base de estereótipos e que “o racismo, em suas variadas práticas, instaura a violência da segregação, da discriminação, da marginalização econômica e social, dos tabus culturais e estéticos” (MARTINS 1995, p. 144). Porém não conseguiu deslegitimar o trabalho de uma grande atriz como Zezé Motta. Além de diversos trabalhos para televisão, como novelas e minisséries, Zezé Motta também desenvolveu uma carreira como cantora a partir de 1971. Mas, foi no cinema que Zezé Motta interpretou uma das personagens mais sedutoras do cinema brasileiro, a exuberante Chica da Silva, no filme homônimo de Cacá Diegues. O filme fez muito sucesso e a atuação de Zezé lhe rendeu vários prêmios de Melhor Atriz e o reconhecimento internacional.

Embora a atriz Zezé Motta não tenha feito parte do TEN, porém faz parte desse contingente, que “lutando, muitas vezes, contra a maré de dominação, o negro foi aos poucos, conquistando espaços que o integravam” (SOUSA, 1983, p.21), resistentemente a uma herança de submissão. Com o surgimento de TEN, que de acordo com Martins, veio pra mudar e ressignificar a história dos artistas negros:

A idéia de um teatro negro, alicerçado na experiência histórica positiva do afrodescendente, a denúncia do racismo, a ênfase na reconfiguração de temas, fábulas e personagens; a pesquisa de recursos e processos teatrais advinhos do acervo de referências, civilizatórias, históricas e estéticas das culturas africanas e afro-brasileiras e, ainda, o ideal de construção de uma dramaturgia alternativa e de um corpo de atores que pudessem representar a sua própria história, matizam os ideais do TEN (MARTINS, 2006, p.209).

Com o TEN, houve a promoção dos artistas afrodescendente no panorama teatral brasileiro. Como afirma Silva

A dramaturgia, como grafia de uma época, passa a registrar as vozes vindas de quem fora subjugado. O discurso agora não é mais do senhor colonizador. O discurso é de quem fora colonizado, de quem é liberto e que conseqüentemente procura agora dialogar com sua matriz identitária (SILVA, 2014, p. 31).

Possivelmente a Licenciatura em Teatro me possibilitou um aprendizado fundamental e que é possível enfrentar o preconceito através da Arte. Pois ela te capacita para um enfrentamento sem armas, mais com a capacidade de reflexão. Dentro da Universidade que me lancei a esse desafio participando como método avaliativo de vários experimentos que me fizeram despertar para a questão da minha negritude. Foram trabalhos muitos significativos. Aprender técnicas que vão além da capacidade tão somente de decorar um texto, como também interpretar corporalmente. Embora tenha passado por um período conturbado de transição, até chegar a esse entendimento.

Experimentei atravessamentos fantásticos como atriz-pesquisadora no processo de criação da Cena “Além do Rio”, resultado da disciplina *Interpretação Teatral II*, no 1º semestre de 2017, com o Prof. Me. José Raphael Brito dos Santos, onde interpretei a personagem de nome *Medea*.²⁹ O teatro tem a capacidade de combinar de dosar drama, comédia, popular e muitos outros. Mas também possibilita criticar valores morais, pelo que perpassa as posturas hipócritas da sociedade. Em virtude dessas especificidades que o Teatro transformou a minha trajetória dentro da academia em um processo de reconstrução que foi fundamental para o meu aprendizado.

Primeira oportunidade, que tive para atuar com traje da personagem. Passei vários dias relutando, se apresentaria ou não o trabalho. Não gostava da ideia, de ser vista vestida de Medea, me incomodava ela ser má, ter matado os filhos é o que pior ainda que era negra. Li por vários dias o texto e não conseguia me ver na cena. Na minha opinião reconhecia somente duas dimensões no texto: a primeira a loucura e outra uma espécie de um amor doentio. Na verdade umas das minhas preocupações era pelo traje da personagem, pela fala, e como ela seria tratada por Creonte³⁰ pois fiquei com certo receio por que conforme as indicações cênicas: “[...] Medea dá uma risada estridente e começa os passos de macumba” (OLAVO, 1961, p. 219). Temia exatamente por causa do histórico de discriminações sofridos anos atrás. Todas essas memórias ainda surgem e reverberam de alguma forma em meus pensamentos, me causando um grande desconforto. Não queria nada que pudesse representar, signos que retratasse a mulher negra de

²⁹ No ano de 1957 foi escrita a peça teatral *Além do rio*, de Agostinho Olavo, para apresentação no Teatro Experimental do Negro (TEN), liderado por Abdias do Nascimento. O autor brasileiro resgatou o mito grego de Medeia, a mãe que acaba com a vida dos filhos, na personagem de uma rainha africana, apaixonada por um homem branco, que mescla ritos culturais em terras brasileiras.

³⁰Capitão-mor Creonte, Pai da Creuza a noiva de Jasão.

forma pejorativa, de certo esse foi um dos meus conflitos. O que de fato Martins apresenta nesta reflexão:

O signo negro está intimamente identificado com um valor depreciativo nas mais diversas situações da fala brasileira definido uma posição social ou adjetivando um grupo racial e uma cultura. “Um dia negro”, “ovelha negra da família”, por exemplo, são expressões que explicitam uma analogia entre o que é negro e o que é considerado ruim ou desagradável. “Lugar de negro e na cozinha”, “negro quando não suja na entrada suja na saída”, “trabalho de negro” são ditos ou expressões populares que tem o negro como objeto (MARTINS, 1995, p.36).

Figura 7- Medea 1ª aparição (Agostinho Olavo)



Fonte: Arquivo Pessoal (2017, Nelma Silva)

Com isso, volto a pensar na fala do passageiro do ônibus, mencionado anteriormente. De fato não tenho que provar nada a ninguém e se estou na academia e por um direito que me assisti e lugar de negro é onde o negro quiser estar e deseja estar. Em vista disso a partir deste momento comecei a refletir muito sobre o que já falei aqui em termos de reconstrução. Saber que a escravidão causou guerras e destruição, dizimando muitas até milhares de vidas, desestabiliza o âmbito psíquico da população negra. Logo, eu não vou mais deixar que meus

fantasmas do passado, possam vir atravessar o meu futuro, preciso fazer uso do apreço por mim mesma. O que define na visão de Sousa é que:

O ideal do ego é um produto da decantação destas experiências. Produto formado a partir de imagens e palavras, representações e afetos que circulam incessantemente entre a criança e o adulto, entre o sujeito e a cultura. Sua função, no caso ideal, é a de favorecer o surgimento de uma identidade do sujeito, compatível com o investimento, erótico de seu corpo e de seu pensamento, via indispensável a sua relação harmoniosa com os outros e com o mundo (SOUSA, 1983, p.4).

Provavelmente o mais cruel de todos os males foi retirar da população negra a sua dignidade enquanto raça remetendo a questão da negritude aos porões da sociedade. Executei o trabalho de final de semestre, tendo vista não teria outra opção, pois era um processo avaliativo. No final saiu exatamente como planejado.

Figura 8 – Medea 2ª aparição (Agostinho Olavo)



Fonte: Arquivo Pessoal (2017 Nelma Silva)

E desde de então a representação da Medea de Agostinho Olavo³¹, marcou minha trajetória dentro da Universidade. Tanto que na disciplina de Prática Pedagógica III, ministrada pelo Prof. Me. Emerso de Paula fiz questão de construir uma nova experiencia no Evento Art Afro da UNIFAP com mesmo texto de Além do Rio. O que antes eu tinha vergonha de falar sobre a minha negritude depois desses trabalhos, não me condicionei em representar. Porém depois de toda esta briga comigo mesma, me rendi, e tudo que estava relacionado a mostrar as inquietações do povo negro eu queria fazer, me identificava diretamente com os personagens. Lembro que durante um ensaio, o professor Raphael Brito, que era o diretor me orientou que na minha cena eu fosse o mais real possível, que o público pudesse para além de assistir que pudesse realmente sentir todo o sentimento que reverberava em meu corpo. Entendi que a partir deste momento o teatro me fez ver que eu posso mudar muitas linhas na minha trajetória

Figura 9 - Medea 3ª aparição (Técnicas Teatrais)



Fonte: Wellington Dias (2018)

³¹ No ano de 1957 foi escrita a peça teatral Além do rio, de Agostinho Olavo, para apresentação no Teatro Experimental do Negro (TEN), liderado por Abdias do Nascimento. O autor brasileiro resgatou o mito grego de Medeia, a mãe que acaba com a vida dos filhos, na personagem de uma rainha africana, apaixonada por um homem branco, que mescla ritos culturais em terras brasileiras.

Outro importante trabalho que destaco como mais um atravessamento que vai de encontro a minha identidade e a minha subjetividade de mulher negra. Foi o personagem Filomena em *As Eruditas*³².

Era uma manhã de sábado (2018), estava um dia ensolarado, porém como sempre em dia de apresentação lá estava eu muito nervosa e com muito medo de errar o texto. Essa foi uma das atuações mais complicadas que eu fiz, me preparei para uma apresentação ao ar livre, por se tratar de teatro de rua. Mas exatamente na hora marcada, caiu um temporal com chuva muito forte, e acabou por atrapalhar a nossa apresentação. Tivemos que improvisar e a apresentação foi transferida para o auditório da biblioteca pública Professora Elcy Lacerda.

Figura 10 – Personagem Filomena em “As Eruditas”



Fonte: Wellington Dias (2018)

A personagem dramática é o elemento catalisador de toda a produção de sentido no drama, na medida em que para ele convergem os variados signos constitutivos da

³² Henriqueta e Armanda são as duas filhas de Filomena e Crisaldo, um nobre da alta sociedade parisiense. Filomena deslumbrara-se com o mundo das letras e da filosofia a ponto de querer casar Henriqueta com Tremembó, um oportunista que visa conseguir, através de seus versos, a mão e o dote de uma das moças. Mas Henriqueta – ao contrário de sua irmã – não se sensibiliza com floreios e vãs metafísicas, preferindo como noivo Cristóvão, um jovem desprezado por Armanda devido à sua simplicidade intelectual. Com esta trama, Molière – o maior comediante do teatro moderno – esmiúça a hipocrisia, a crueldade e outras fraquezas humanas.

performance. Para o espectador, a personagem materializa o sujeito que simula, pois preenche a ausência do referente e o vazio que toda representação disfarça, com o corpo e a voz que o ator lhe empresta. A personagem, através do ator, ocupa o palco e torna-se espelho que atrai o olhar do espectador, como um mirante que fixa e prende esse olhar, sendo praticamente inviável imaginar-se uma encenação que se realize, plenamente, sem essa imagem hilética, material (MARTINS, 1995, p.189).

Escolhi meu figurino com muito esmero, me senti muito à vontade com a minha personagem, pois se tratava de uma mulher que não apresentava a dura realidade de subserviência. Esta dramaturgia me possibilitou transitar por um personagem, que não representava a realidade estereotipada do negro.

Uma das minhas preocupações na hora de dividir os papéis, durante a construção dos trabalhos era que somente coubesse a mim papéis de empregada doméstica ou uma serviçal, e que isso caíssem em sua maioria retratadas como o conjunto de imagens primordiais que não dão sentido as histórias passadas entre gerações, formando o conhecimento e o imaginário do inconsciente coletivo.

Consequentemente ao logo do percurso dentro da academia, percebo que me aceito com mais naturalidade. A inquietude que me causava uma certa insatisfação intelectual não mais habita em mim. Quanto mais eu tento me distanciar da minha ancestralidade, ela contesta, transita e me atravessa por múltiplos aspectos em minha direção. Partindo de toda essa gama de experiências pessoais somadas as desigualdades sociais sofridas por mim, e que sinto a importância de percorrer, para o meu despertar de uma consciência negra. Para finalizar este capítulo faço questão de expor aqui a foto a seguir que trata-se de mais um trabalho proveniente da disciplina de Prática de Montagem II, embora tenha finalizado esta disciplina após o término da construção do TCC, sinto a necessidade de agregar mais essa atividade por se tratar de uma grande realização para o fortalecimento da minha identidade enquanto mulher e atriz negra que sou. A partir das correções houve a possibilidade de acrescentá-la, mesmo porque faz parte da temática abordada neste trabalho.

Figura 11 – Resistência (Prática de Montagem II)



Fonte: Arquivo Pessoal (2019 Nelma Silva)

Me curvo e me incorporo a um processo de superação e potência junto com todas as mulheres negras expostas aqui. Dentro deste contexto falar de um dos melhores acontecimentos na autonomia artística do negro sob a ótica do Teatro Experimental do Negro, e todas as suas nuances. Ler e escrever fatos e histórias artísticas de mulheres como Ruth de Sousa, Léa Garcia, Zezé Motta, Aldaete Maria Barreto da Silva, Ana Caroline da Silva, Alice Soares de Araújo, Jéssica Thaís e de um homem como Abdias do Nascimento que teve o legado de construir um espaço privilegiado para os negros dentro da cultura artística me faz refletir o quanto é importante a valorização da minha ancestralidade frente a todos os meus desafios.

3 Aproximação e Dialogo entre Atrizes Negras Amapaense.

Trago para este capítulo o panorama do percurso da cultura no Estado do Amapá. O compromisso com “a cultura está ligado diretamente na essência e na alma de um povo e que isso é primordial para que esse povo não se perca de si mesmo” (2009, p. 30). Sendo que o Estado do Amapá é um dos mais jovens da federação brasileira. Vale ressaltar que a cultura e a arte no estado do Amapá está intrinsecamente ligada a sua criação. Na afirmação de Videira (2009, p. 30):

Com advento do Território Federal, a capital precisava se modernizar. No entendimento de Janary Nunes, o primeiro governador, só um remanejamento populacional da frente da cidade para outros lugares poderia resolver os problemas de saneamento.

Pois foi com a criação do estado que o governador Janary Gentil Nunes em 1944 com sua forma autocrática de governador seguiu um programa baseado na tríade: “Sanear, Educar e Povoar” e assim iniciou sua meta de conquistar o povo amapaense e consolidar seu poder, retirando-os da frente da cidade. É oportuno lembrar que, de acordo com VIDEIRA (2009, p. 176):

As teorias higienistas tinham sido usadas no início do século em outras áreas do país para desalojar a população pobre e negra, e exemplo do Rio de Janeiro. Na mesma época, reformas semelhantes ocorriam em São Paulo, provocando um êxodo de negros das áreas centrais da cidade para os bairros distantes.

De certo evidencio que muitas vezes o negro não é analisado, pelo viés da sua vivência histórica, e da sua trajetória. Simplesmente são analisados de acordo com o propósito de desumanizar e deslegitima-los sempre priorizando os interesses de uma elite branca. É mais, Janary Nunes usou de cordialidade para com os moradores mais velhos: “chefes políticos e líderes comunitários de família tradicionais das festas religiosas e populares entre os quais Julião Ramos, cuja a liderança era incontestável” (CANTO, 1998, p.28). Foi uma estratégia do governador e por falta de conhecimento da população negra que colaborou para remanejamento do centro da cidade. Nas palavras de Videira, vimos que:

A falta de organização política, da comunidade, instrução e clareza das verdadeiras intenções de Janary Nunes fez todas as famílias negras deixarem para traz anos de construção de um território que representava sua própria existência e parte significativa da história antiga dos amapaenses (VIDEIRA, 2009, p. 91).

Em decorrência deste acontecimento que as famílias se dividiram, embora tenha havido um certo estremecimento mais felizmente não foi suficiente para acabar com a tradição do Marabaixo, que na época se resumia na única atração cultural do lugar. Essas famílias que

foram remanejadas tinham a responsabilidade de difundir para os seus descendentes. Assim, segundo Rostan Martins afirma que Marabaixo é:

Uma dança/ritual que aglutina vários estágios sagrados e profanos, cuja manifestação contém o ladrão, caixa, saia rodada, murta³³, ladainhas festeiro e gengibirra³⁴, tudo isso no entorno da Igreja de São José, na frente da cidade de Macapá.” (MARTINS, 2016, p.38).

Consiste que o Marabaixo era o sustentáculo da cultura nesta época, e que com a chegada do então governador junto veio as mudanças de cunho estruturais, sociais e culturais para o antigo Território Federal do Amapá. Todos esses acontecimentos de certa forma abalaram as estruturas culturais do povo. Diante da atitude de Janary Nunes, saliento que a população negra foi sabotada, pois havia a possibilidade de corporificar a cultura do Marabaixo com o progresso cultural do Território, por ser uma manifestação legítima. Martins corrobora afirmando:

Já não se propõe ser a consciência do negro ou exercer um papel de controle dessas consciência (...), a questão da identidade do sujeito negro e a do próprio Teatro Negro são reelaboradas numa construção textual que se ostenta e se mostra como objeto singular (MARTINS, 1995, p. 76).

É importante ressaltar que os ritos do Marabaixo predominavam no território, mas por outro lado, a construção do Cine Teatro Territorial “trouxe o advento de outras culturas e proporcionou também ao povo, outras opções de lazer e entretenimento nesse sentido, os hábitos culturais trazidos por Janary ampliaram o acesso da população a outras práticas culturais” (AGUIAR, 2018, p. 19). Em vista disso, sinalizou que pretendia movimentar a economia e a cultura do Território trazendo atrações de fora para serem prestigiada pela classe dominante da sociedade.

E que o Cine Teatro Territorial, vira servir para grandes eventos, “servindo também como local de visitação turística, apresentada pelo Governo da época como um lugar de pompa, atrelado ao Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Pode-se dizer que Janary precisava de um espaço condigno para realizar as mais diversas ações administrativas de seu governo” (AGUIAR, 2018, p. 22). Em suma já se sabe que o Cine Teatro, foi construindo com intuito de impulsar a cultura do Território do Amapá, mas não impulsionou e serviu também para abrigar *apresentações teatrais locais* e exibições semanais de cinema para toda a população amapaense fomentando a cultura do Amapá. Surgiu em 1975 o único grupo teatral amador

³³ Planta da família das melastomáceas, de nome científico *Mouririaguianensis*, retirada da mata para envolver o mastro na quarta feira da murta.

³⁴ Bebida fermentada com gengibre e cachaça, servida na roda do marabaixo para os cantadores e a comunidade em geral.

chamado “Grupo Telhado” foi ai que o Cine Teatro passou a ser utilizado para o seu determinado fim. Por esse histórico é importante trazer para esse contexto a situação atual do Teatro presente no estado do Amapá. Ainda dentro deste panorama, lhes apresento uma análise com recorte sobre as *Atrizes Negras Amapaenses*. E através de uma entrevista feita com quatro dessas atrizes, para compreender qual a situação do teatro no Estado do Amapá. *Onde se encontra essa mulher/atriz negra?* E por conseguinte quais *os lugares ocupados por elas hoje?* pois especificamente o recorte que interessa dentro desta pesquisa é exatamente esse; o papel da atriz negra no Teatro.

Se faz necessário esse lugar de destaque para as atrizes negras amapaenses pois elas existem e já conseguiram fazer grandes temporadas com turnês com trabalhos reconhecidos em todo o território nacional. Mesmo com tantas dificuldades que muitas vezes estão relacionadas a patrocínio, espaço, desvalorização cultural ainda assim estão presentes neste cenário da cultura amapaense. Criando possibilidades para as futuras atrizes que queiram adentrar neste seguimento. Considero importante cita-las, para mostrar que elas já estão ocupando seus espaços e se destacando ou já destacaram no cenário teatral do estado Amapá.

Figura 12 - Aldalete Maria Barreto da Silva (64 anos)



Fonte: Priscila Barreto (2018)

Com seis anos de atuação no grupo Telhado em Macapá, Aldaete é natural de Mazagão. Protagonizou vários papéis atuando como atriz e propagou o fazer teatral somente dentro do antigo Território Federal do Amapá, hoje já constituído em Estado do Amapá.

Na fala de Aldaete Barreto hoje com 64 anos, uma das mulheres negras pioneiras no teatro amapaense em 1975, quando na oportunidade fala da questão racial. Segundo ela explica:

(...) pelo menos eu nunca sofri qualquer tipo de discriminação pela minha cor, talvez por que eu nunca sair daqui pra fazer apresentações fora. Mais mesmo com a modernidade em relação ao tempo que eu fazia teatro, há uma relação de poder meio que escondida assim como se diz antigamente por de baixo dos panos, vejo sim a discriminação em muitos lugares e isso não dá pra dizer que não existi. Agora tenho que dizer a verdade a um certo privilégio sim, com as atrizes brancas isso é sem dúvida. Mais eu te digo uma coisa, vocês que estão fazendo Teatro dentro da Universidade Federal do Amapá, tem que mostra pra todo esse povo que preto tem valor e que foi pelo lombo dos pretos que Brasil nasceu, foi muito sangue derramado, muita dor, vocês tem obrigação de mostra isso, vocês tem que honrar os pobres dos pretos que morreram por essa terra. (SILVA, 2019).

O que percebo na fala da Aldaete e que na época em que ela fazia teatro, não havia essa fala classificada de racismo, mais as desigualdades sempre se desenhou, ainda que de forma escusa. Mas se posiciona firme, quando se trata de racismo dizendo: “eu não só me identifico como tenho muito orgulho de ser negra. Eu sou do Mazagão descendo de escravos, mais me orgulho muito da minha raiz, o meu sangue tem força e garra de quem nasceu pra vencer” (SILVA, 2019).

Figura 13 - Jéssica Thaís (22 anos)



Fonte: Jessica Thaís (2019)

Somando a isso me reporto a fala da Jessica Thaís 22 anos, a atriz mais nova das entrevistadas que está na cena teatral a sete anos, que nos mostra que na contemporaneidade, o cenário da discriminação contra a mulher negra tanto quanto as dificuldades são constante, pode até ter mudado de fala, mais continua presente, quando utiliza-se desta argumentação:

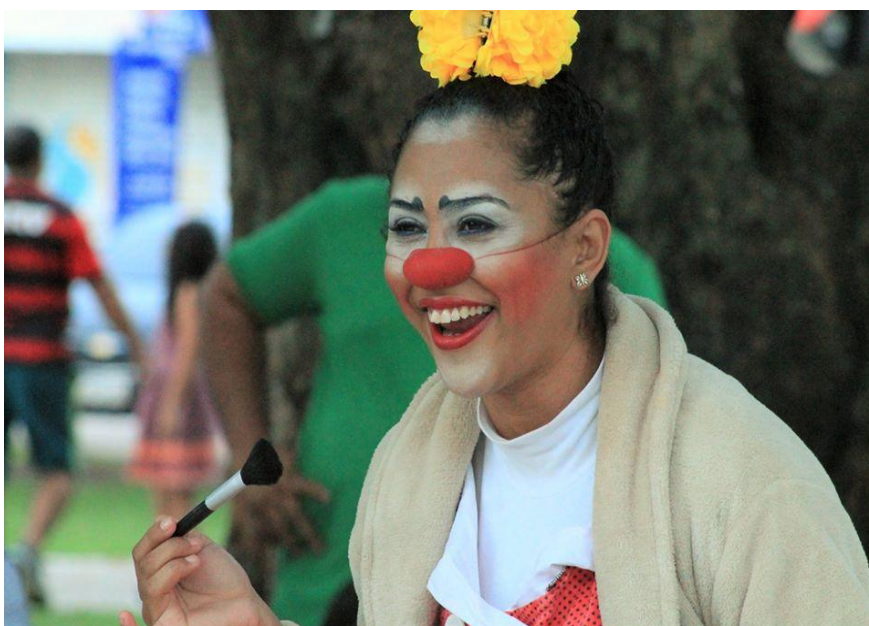
Na verdade foi em uma companhia específica que não vou citar nomes aqui, por descrição. Mas que prefere um padrão mais tipo menina branca, alta, magra. Por isso como essa companhia, trabalha com teatro comercial, então o que vendi e mais e essa atriz padronizada. Por sinal eu já tinha um, trabalho com essa companhia, só que quando foi pra eles entrarem nesse viés, fui excluída, afastada e creio que tenha sido por conta dessa questão (THAÍS, 2019).

Por essa razão que Thaís faz questão de afirmar:

Sou negra sim e me sinto muito honrada com a minha negritude. Inclusive eu acho que é um dos meus maiores orgulhos, quando alguém vem falar para mim sobre o Teatro Negro, por que sabe do meu pertencimento e sabe também que eu me afirmo como uma atriz negra, que tá trabalhando com isso (THAÍS, 2019).

São questões inerentes de determinados grupos, “me afirmo uma mulher artista negra, e que atua com essa temática para quase tudo que produzo e estudo” (SANTOS, 2019) mais que precisam ser dialogadas discutidas e acima de tudo consolidada para o pensamento da mulher negra “e apontando para que em um só tempo tenhamos um entendimento profundo dos caminhos da história, bem como dos princípios norteadores de novas ações e posturas” (BERTH, 2018, p. 50).

Figura 14 - Alice Soares de Araújo Ferreira (34 anos)



Fonte: Alice Araújo (2018)

A atriz Alice Ferreira 34 anos, que é umas das veteranas com 21 anos de atuação, em sua fala deixa explícito um quesito que é fundamental, pois “ainda existe essa questão da auto afirmação. Porque a gente ainda tem a idéia do negro enquanto cor de pele, e sabemos que é muito maior que isso, é mais uma questão de afirmação mesmo” (FERREIRA, 2019). Explica ainda o quanto o Teatro foi fundamental, para o seu amadurecimento, que passou a permear na construção de sua identidade. Descreve que:

Foi exatamente no teatro que eu consegui me reconhecer como mulher negra, foi olhando outras referências como a Thaís Araújo, que começou a despertar em mim, esse entendimento. Na verdade foram duas pessoas que me fizeram me reconhecer enquanto sujeito negro. No universo das artes cênicas à Thaís Araújo a partir da atriz, de me achar parecida visualmente com ela e também ouvindo Gilberto Gil, me fez entender de fato. Quando eu olhava à Thaís Araújo, era uma coisa mais romantizada no sentido de que eu me achava fisicamente parecida com ela, e muita gente me dizia isso na época, essa foi a primeira representação de olhar e me enxergar ali. Já com Gilberto Gil foi olhando para ele, que eu entendi o que é ser negro, tudo o que ele fala, pensa, e o seu posicionamento político (FERREIRA, 2019).

Essa é uma questão da representatividade, a Alice se sentia representa pela Thais Araújo, que é muito comum hoje dentro desse cenário, uma atriz se identificar com a outra na perspectiva de realização. Que por conseguinte, como foi falado no segundo capítulo, tivemos três atrizes que foram ícones e tiveram a função de abrir portas e oportunidades pra as novas atrizes negras, tanto nas televisão como no teatro.

Figura 15 -Ana Caroline da Silva Santos (30 anos)



Fonte: Jones Barsou (2018)

Nos comentários de Ana Caroline 30 anos, que está somente a três anos atuando, traz questões com uma necessidade que faz necessária para a contribuição do *Feminismo Negro*. Quando explica seus pressupostos:

Eu acredito que hoje há um a discussão bem forte a respeito da presença das atrizes negras no mercado de trabalho, é uma discussão necessária. Acredito que sempre que falamos de um lugar de mulher na arte ou em qualquer atividade, precisamos sempre especificar de que tipo de mulher estamos falando, digo isso, pois, o lugar da mulher negra é um lugar de especificidades, somos nós ainda, as que recebem menos, que conseguimos papéis B's no cinema, somos escolhidas, ainda, pela quantidade de melanina que carregamos na pele, e para o mercado quantos menos melanina, melhor. Já deixei de interpretar uma personagem para cinema, pois mesmo sendo a mais qualificada para interpretar o papel, existia uma atriz menos experiente, longe de qualquer especificidade do que o currículo pedia, mas com a pele mais clara que a minha, ou seja, para o mercado aquele tom de pele vendia, o meu não. Creio que por isso devemos nos aquilombar mais e mais, estabelecer lugares de falas em que possamos nos reconhecer, seja na escrita, seja na cena, precisamos falar e principalmente direcionar o nosso trabalho pra o que seja mais próximo do que somos, chega de falar do lugar do outro (o branco), precisamos sempre estar nos reconhecendo primeiramente, nos preterindo, nós artistas temos uma responsabilidade muito grande, principalmente com os que ainda não adquiriram essa consciência, que possamos estabelecer espaços de re-existência para os que virão (SANTOS, 2019).

Entendo a fala de Santos como um grito de libertação, de desabafo dessa condição do negro de sujeito político subjugado ao longo da sua história. Ainda sobre a fala de Santos, acredito ser pertinente ainda, “precisamos de mais, não é o suficiente, pois continuamos dentro dos estereótipos, dentro de alguns padrões estabelecidos por uma produção teatral, cinematográfica, televisiva branca” (SANTOS, 2019), refiro-me a essa fala no sentido também da mulher negra se aceitar mais, se enxergar como um sujeito que pode produzir mudanças. Atribuo a minha pessoa essa fala, como um dos fatores da minha reconstrução pessoal. “A única coisa que separa as mulheres negras, de qualquer outra pessoa é a oportunidade” (VIOLA DAVIS, 2019)³⁵, são exatamente as oportunidades que as transformam. A mulher negra precisa estar se reinventando todos os dias pra provar que são capazes de transformar o mundo com a realização profissional.

Temos poucos representantes, “não posso dizer com precisão a quantidade de atores negros atuantes aqui no Amapá, mas posso afirmar que é um número bem pequeno pra quantidade de artistas negros que existem nesse estado” (SANTOS, 2019)

O *Grupo de Teatro Telhado*³⁶, foi o grupo que conduziu e gerou o fazer teatral dentro do antigo Território Federal do Amapá. Como explica Silva:

³⁵ Eleita a melhor atriz de Orama no EMMY 2019

³⁶ Primeiro grupo de Teatro criado no Amapá, com registro de fundação no dia 25 de novembro de 1975.

Após fundar o grupo, isso no ano 1976, começamos a ensaiar no Cine Teatro Territorial, que estava fechado, como registramos o grupo que na época não era CNPJ era CGC, passamos a ser o único grupo registrado, tivemos o direito de ensaiar lá. Nós ganhamos um contrato do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), e durante um ano apresentamos em todo o Território Federal do Amapá, bem como todos os Municípios e desses adentramos em todos os distritos possíveis para levamos o teatro (SILVA 2019).

Hoje temos um novo cenário é que ao longo do tempo, mesmo com toda a alegação que as atrizes negras sofreram pra conquistar seus espaços, aqui existem fortes indícios que essa posição excludente está sendo redesenhada para o Teatro. Mas o panorama cultural está mudando no estado, contudo podemos evidenciar na fala da atriz, Ana Caroline, que o Amapá, evoluiu culturalmente mesmo com dificuldades em alguns setores ainda assim elas tão produzindo e conseguindo abrir espaços para a divulgação dos seus trabalhos dentro e fora do estado. Logo Silva afirma:

Nesses cinco anos morando e atuando no meio artístico amapaense, foram poucos os trabalhos em que vi artistas negros como protagonistas, o que não quer dizer que não existam, mas que esse protagonismo negro e a discussão em torno disso na cena teatral ainda são bem pequenos (SILVA, 2019).

Observa-se que as instituições sociais voltadas para o acesso aos bens culturais, indutores da transformação social, vem potencializando e alargando o espaço significativamente para o alcance da cultura. Com a pergunta se ela já teve a oportunidade de sair daqui para se apresentar em outros estados? Em resposta:

Sim, em 2018 fizemos uma circulação pelos 10 estados da Amazônia, com o espetáculo A Mulher do Fim do Mundo, no projeto Sesc Amazônia das Artes, levamos também o espetáculo A Roupa que Veste o Homem para o ENEART³⁷ 2018, que aconteceu em Belém- PA, e em 2019 estamos numa circulação pelo Brasil, com 30 apresentações por mais de 20 cidades brasileiras, pelo Projeto Palco Giratório 2019, novamente com A mulher do fim do mundo, e Chica, Fulô de Mandacarú, sendo A Mulher do Fim do Mundo, um espetáculo que aborda as políticas do corpo. Ambas as obras são marcantes na história do teatro e dança amapaense, pois foram os primeiros espetáculos amapaense a entrarem no maior projeto de circulação da América Latina, o Palco Giratório (SANTOS, 2019).

O objetivo aqui é também discutir que, essas mulheres além de serem atrizes, também podem ser consideradas agentes em constante transformação dentro da dramaturgia teatral, percebo que são poucas as atrizes negras que estão em evidência. Temos ainda aqui no estado um contingente muito pequeno em relação a atuação, mas as que temos estão ai construindo

³⁷ ENEART (Encontro Nacional dos Estudantes de Arte)

suas histórias. Outra que também esteve em rotatividade neste circuito de apresentação fora do estado foi Alice Ferreira, que alega que:

Nos circulamos em dez estados da Amazônia legal, com o projeto SESC Amazônia das Artes, e o Estado do Piauí como convidado. Viajamos com o espetáculo *Se deixar ela canta*, que é um espetáculo de palhaçaria que eu atuo no momento e eu viajei como a Perualda³⁸ (FERREIRA, 2019).

Entendo o Teatro como viés que pode transformar a conduta de uma comunidade, visto que através das peças teatrais podemos elucidar diversas questões sociais e “sob o ponto de vista social denominado de complexo, todos esses sistemas de coisas que permeiam a coletividade” (AGUIAR, 2018 p. 19).

A entrevistada Jéssica Thaís, afirma no seu depoimento revalidando essa necessidade de se reinventar e até ser autônoma na questão de estar buscando sempre algo novo para se reciclar. Na sua fala a mesma afirma que:

(...) eu não fico parada esperando gosto de ser autônoma, eu vou, eu persisto, pergunto, procuro vou atrás mesmo. Agora neste momento eu estou escrevendo também, estou em um processo dirigindo uma peça de companhia nova. Estou sempre me reinventando, pra não estagnar, mesmo quando tudo parece está difícil e que precisamos está se movimentando não ficar pra trás (THAÍS, 2019).

E com a narração da Alice Ferreira, temos o seguinte esclarecimento:

A uns 15 anos atrás a cena teatral de Macapá, foi efervescente, tinha muita coisa acontecendo pois nesta época a gente fazia até três ou quatro espetáculo ao mesmo tempo, era muita coisa, todo tempo tinha apresentação, tinha oficina não conseguíamos ficar parado. No início do ano 2000, para o teatro foi um momento de ebulição, era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Esse espetáculo Alto do Menestrel é do Fernando Canto, que é um escritor Amapaense, é um texto muito bonito que faz essa primeira relação com o Mazagão e traz também toda essa questão da negritude, dos escravos enfim. (FERREIRA, 2019).

Analisando a fala de Ferreira, trago para esse contexto que “o Cine Teatro Macapá foi inaugurado na década de 40, mais precisamente em 22 de julho de 1944, abrindo as suas portas para exibição de cinema para a população” (AGUIAR, 2019 p. 22). Já se passaram setenta e cinco anos e vemos tão poucas histórias sobre o teatro amapaense. Atualmente temos o curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Amapá, com a perspectiva de que novas histórias sejam escritas no decorrer dos anos vindouros, e que possamos ousar mais e mais na

³⁸ Nome da personagem no espetáculo “Se deixar ela canta”

busca da divulgação e disseminação da arte enquanto Teatro. Todas as atividades artísticas nascem de um sonho que se constrói através de uma história que vai se desenvolvendo com a intenção de se tornar realidade. Com resultado dessas investigações desejo que o teatro seja uma realidade positiva na vida de todos que se debruçam na arte do fazer teatral. Tanto eu como as entrevistadas acreditamos ter demarcado nossos lugares de falas, entendendo que Teatro é uma roda viva de pessoas que não se preocupam com religião, posição social e principalmente com cor de pele. Pois o Teatro restaura, instaura, renova e reconstrói vidas. Pois é exatamente assim que eu me sinto depois de ter cursado Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Amapá em grande processo de reconstrução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O novo reflexo; O espelho fala.

As investigações realizadas neste trabalho, tem como objetivo o estudo da *Atriz Negra no Teatro*, e que me permitiu analisar sob o ponto de vista sociocultural a representatividade dessas atrizes. De forma objetiva buscou-se compreender a inserção da mulher negra no Teatro Brasileiro, que foi a crista da pesquisa, abrangendo uma importante referência que consiste no TEN (Teatro Experimental do Negro).

Este estudo serviu também para demonstrar a importância das mulheres negras que foram as precedentes na Televisão e no Teatro, discutindo o empoderamento dessas mulheres junto as relações obscuras de racismo e suas matizes sofridas por elas. Onde me coube fazer uma observação sobre a minha trajetória voltada acerca da mesma questão: o racismo. Visto que em um dado momento, por um instante tive a impressão de estar lendo a minha história de vida e não a das atrizes em questão, com impressão de estar copiando as suas histórias, enfim a lucidez me fez ver que não se tratava de copiar, mais a vida está repetindo essas histórias das mulheres negras, desde de muito tempo. Dessa forma quando eu leio me sinto acompanhada, por que não estou passando por isso sozinha. Daí que está a grande questão da necessidade de ler outra mulheres negras e dialogar com elas.

Entendi que de acordo com a minha trajetória eu conseguiria obter esse aprendizado adentrando na universidade. Que me possibilitou conhecer e estudar pensadores capazes de me orientar e me representar para um entendimento de como ascender intelectualmente sobre a minha negritude. É importante e urgente fazer parte de grupos de mulheres negras, que estão se capacitando para uma formação que auxilia na luta contra o racismo.

Vale a pena salientar que nesta pesquisa eu consegui entender, quais são os meu limites, até onde posso suportar. Não foi fácil mergulhar, em lembranças que na época eu não compreendia, foram dias dolorosos de muita angustia e sofrimento. Atesto que reviver o passado nem sempre é tarefa fácil e como viver os padecimentos por duas vezes. Entendi que eu não posso negar a minha identidade, por que sempre pensei que identidade era ter pai e mãe. Então eu tive identidade, eu sempre soube quem são meus pais. Mais faltou uma questão simples, por que eu não me sentia pertencente a um povo. Sabe quando você cresce afirmando eu pertença, eu faço parte de um povo com muito orgulho? Pois é, eu nunca tive esse orgulho, porque esse povo era discriminado demais, era renegado por uma classe dominante branca. Por isso a minha negação, por não aguentar mais ser excluída durante grande parte da minha vida. E por não saber lidar com a exclusão, desde criança meu sonho era um dia não ter que ouvir que o negro não presta, é sujo, é feio.

Mesmo quando tudo conspira contra mim, é na sombra da escuridão que a alucinação da luz, refletida em meu rosto, me fez juntar forças pra não desistir. Por muitos anos tive o espelho como meu maior inimigo, não havia motivos nem tão pouco coragem pra visualizar o meu próprio reflexo. Aprendi a duras penas, que ser negro significa não ser aceito. O espelho foi o responsável por essa descoberta, “muitas vezes me deparo em silêncio sem saber o que fazer, é difícil saber mais do que mereço. Vou vencendo preconceitos, estou diante do espelho. Esta imagem distorcida que revela minha vida”³⁹.

Reconheço que ainda falta muitos lugares onde preciso adentrar e me posicionar para um enfrentamento com as questões do racismo, discriminação racial e desigualdade social e outras como as vivências do cotidiano escolar e suas problemáticas sociais. Por certo, ainda não estou satisfeita preciso compreender mais profundamente as relações étnicas, vividas pelos negros. Isto é senti necessidade de caminhar em direção a universidade, pois sabia que eu compreenderia muito sobre a minha trajetória enquanto mulher negra que sou. Hoje me vejo como uma outra pessoa, parte dessa transformação devo a *UNIMULHER* (Universidade da Mulher) e o curso *Licenciatura em Teatro*, pois me abriu muitas possibilidades de me olhar diretamente no espelho.

O reflexo que me apresenta hoje diante desse mesmo espelho, é de mudança e uma mulher que sobreviveu, que resistiu e que até hoje resisti as adversidades por ser negra. Só que agora de certo que pra chegar até aqui, enfrentei atravessamentos tortuosos, desencontros, angustias, regados de muitas tristezas, que trago impregnados na minha memória corporal e acreditem esses ainda vão perdurar por muito tempo, talvez um dia o tempo seja capaz de dissuadir. Aprendi com a complexidade da vida a construir relações interativas com muitas pessoas tanto pretas, quanto brancas. Construir também uma trajetória coletiva e individual para além de um ser humano, que perpassou por todas essas fases: criança, jovem, adulta e hoje uma mulher negra. Tenho consciência de todo o sofrimento que passei, apesar ter me deixado marcas profundas, cicatrizes, não estou aqui pra apontar culpados, agora neste momento não cabe tal afirmação, mais a partir do momento que tenho consciência, eu não vou mais permitir nenhum tipo de desrespeito com a minha pessoa, pois aqui acaba o lamento e se estabelece a denúncia.

Concluo agora que refletindo sobre todos esses acontecimentos retornei ao espelho novamente vejo um novo reflexo que apresenta com posicionamento, eu afirmo com muita

³⁹ ANTÔNIO, Marco, Diante do espelho: Aplausos pra Deus. Mather Music BMG 2014 (CD).

convicção, que eu pertencço sim a esse povo negro, e digo mais eu sou negra sim, vou ser o que eu quiser sim, que eu posso me tornar uma atriz se eu quiser. Com a certeza de que isso não acaba aqui, mais que agora eu disponho o poder de decisão, do quem eu quero ser, como eu quero me apresentar. Eu me tornei grande, alicerçada e ninguém vai dizer o que eu devo fazer.

Posso liderar lutas, tenho o meu lugar de fala e que a minha fala vai ser ouvida, e eu estou lutando por isso, pra ocupar cada espaço que é meu por direito, pois eu faço parte de uma nação. Hoje aqui dentro desta Universidade Federal do Amapá, eu escolhi ser atriz e isso é só o começo pois o melhor ainda está por vir e com esse meu trabalho, não quero que seja só uma coleta de dados com o intuito somente de cumprir exigências institucionais, mais que seja o ponta pé inicial para me tornar a professora, a atriz e a mulher negra que vai lutar pelo ideal negro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, E. O. Santos. **A influência do cine teatro territorial para a cultura do Amapá no período de 1948 a 1953**, TCC 2018.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CANTO, Fernando, **O marabaixo através da história** / Fernando Canto; Editora Printfrac. 2017.

_____, Fernando, **A água benta e o diabo**. (FUNDECAP) Fundação da Cultura do Estado do Amapá. Macapá, 1998.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: ASHOKA empreendimentos sociais; TAKANO cidadania (Org.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano, 2003. p. 49-58.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**; Tradução: Herci Regina Candiani. Ed. Boitempo, São Paulo, 2016

FERREIRA, Alice Soares de Araújo. **Entrevista concedida a Nelma Silva**, 19 out. 2019 (A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice C deste memorial).

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo: ANPOCS, 1983.

MACIEL, A. de S. **Conversa amarra preto: a trajetória histórica da União dos Negros do Amapá: 1986-2000**. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas), UNICAMP – São Paulo, p. 181. 2001.

MARTINS, Rostan. **Aonde tu vai, rapaz, por esses caminhos sozinhos? comunicação e semiótica do Marabaixo**. São Paulo: Scortecci, 2016.

MARTINS, Ieda Maria. **A cena em sombras**. Ed. Perspectiva. São Paulo – SP. 1995.

NASCIMENTO, Abdias. **O teatro negro no Brasil: uma experiência sócio-racial**. *Revista da Civilização Brasileira*, 1968. Caderno Especial 2.

OLAVO, Agostinho. Além do rio. In: NASCIMENTO, Abdias do. **Dramas para negros e prólogo para brancos: antologia do teatro brasileiro**. Rio de Janeiro: TEM, 1961

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte – MG. Ed. Letramento, 2017.

SAFFIOT, Heleieth I.B. **O Poder do Macho** – São Paulo: Moderna, 1987

SANTOS, Ana Caroline da Silva. **Entrevista concedida a Nelma Silva**, 28 out. 2019 (A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice B deste memorial).

SILVA, Aldaete Maria Barreto. **Entrevista concedida a Nelma Silva**, 20 out. 2019 (A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A deste memorial).

SILVA, E. P. **O texto do negro ou o negro no texto: o teatro negro como fonte de memória e identidade afrodescendente**. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) UNICAMP. Campinas SP. p.115. 2014.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro – RJ, Ed. Graal, 1983.

SODRÉ, M. **Mais mulheres, mais mulheres negras e mais feminismo negro, esse é o nosso horizonte**. Dissertação (Dissertação em História) UFBA, 2012.

THAÍS, Jessica. **Entrevista concedida a Nelma Silva**, 21 out. 2019 (A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice D deste memorial).

VALENTE, Ana Lúcia E.F. **Ser negro no Brasil hoje**. 11 ed. São Paulo: Moderna, 1994.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense**. Edições UFC. Fortaleza - CE, 2009.

SITES ELETRÔNICOS CONSULTADOS

Ruth de Sousa. Foto Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/ruth-de-souza-representação-da-mulher-negra/> acesso> Acesso: em 13/10/19.

RUTH de Souza. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas349507/ruth-de-souza>>. Acesso em: 12 de Out.2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

ZEZÉ Motta. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa14032/zeze-motta>>. Acesso em: 03 de Nov. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-7979-060-7.

Teatro Experimental do Negro (TEM). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399330/teatro-experimental-do-negro-ten>> Acesso em: 29 de Set. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Entrevista realizada com a atriz de teatro Aldaete Maria Barreto da Silva em 20 de outubro de 2019 às 11:05min.

Nelma Silva - Qual o seu nome, idade e o tempo de atuação no teatro?

Aldaete Silva - Aldaete Maria Barreto da Silva, 64 anos. Foram seis anos de atuação no Grupo Telhado, esse grupo foi criado em por apenas cinco⁴⁰ pessoas que eram; Osvaldo Simões, Eduardo, Consolação, Maria Benigna, João de Deus. Nós já faziam teatro nas igrejas, inclusive na igreja São Benedito. O MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), precisava de um grupo de teatro (porque nacionalmente todo os territórios tinham que ter um grupo de teatro), pois havia uma verba destinada para fazer uma divulgação do teatro em todas as comunidades dentro do Território do Amapá. Neste período o grupo não estava formado, mais nós já tínhamos encenado Martinho Pena, nós éramos um grupo sem registro. Quando o MOBREAL precisa de um grupo registrado, nos sentamos e começamos a discutir, que nome daríamos para o grupo. Pensamos em vários nomes, como naquele tempo de era final de 1974 para 1975, não tinha nada em Macapá organizado como grupo, a ditadura acabou lá atrás na década de sessenta. Pensamos em vários nome, porem o nome escolhido foi *telhado*, porque vai dar cobertura a arte. E assim começamos a nossa história do teatro com o Grupo de Teatro Amador Telhado. Dado a isso pegamos uma literatura de cordel que é *a Mulher que Casou 18 Vezes*, foi quando resolvemos, convidar outras pessoas para aumentar o nosso elenco, que são elas: Rosangela Carneiro, Bi Trindade, Fatima Cruz; fundamos o grupo no dia vinte de novembro de 1975, na Av: Marcilio Dias 530, entre as ruas General Rondon e Eliezer Levy, Bairro do Laguinho. O dono da casa era seu Odilardo Lima (Radialista e Poeta) e sua esposa a dona Dulcelina Camarão. Após fundar o grupo, isso no ano 1976, começamos a ensaiar no Cine Teatro Territorial, que estava fechado, como registramos o grupo que na época não era CNPJ era CGC, passamos a ser o único grupo registrado, tivemos o direito de ensaiar lá. Nós ganhamos esse contrato do Movimento Brasileiro de Alfabetização e durante um ano apresentamos em todo o Território Federal do Amapá, bem como todos os Municípios e desses adentramos em todos os distritos possíveis para levamos o teatro. Era uma sensação maravilhosa, fomos chamados de artistas desbravadores. E no ano 1977, foi o trabalho com a

⁴⁰ Passei a compor o grupo alguns meses depois da sua criação, assim como Bi Trindade, Rosangela Carneiro e Fátima Cruz.

peça Antônio Meu Santo, e nesse meio tempo tínhamos muitas apresentações, fazíamos leitura dramática apesar de não saber o que era mais fazíamos, liamos muitos textos, fazíamos até laboratórios. Nós éramos uma família, tudo que fazem hoje estudando teatro, nós fazíamos sem saber que era laboratório, somente por intuição. Foi época mais feliz da minha vida.

Nelma Silva – Como foi o seu início e o que levou você a enveredar por esse caminho?

Aldalete Silva – Nesta época eu era atleta, praticava diversas modalidades esportivas que eram: salto em altura, vôlei e corrida como tinha muitos amigos, por conta dos treinos eles me convidaram para fazer teatro. Foi um tempo muito bacana, era uma alegria pra todos nós do grupo fazer teatro. Nesta época eu estudava no Colégio Comercial do Amapá, hoje conhecido pelo nome de Escola estadual Gabriel de Almeida Café. O esporte me deu essa oportunidade de conhecer muitas pessoas especiais, deste muitos já não se encontram neste plano, mais permanecem vivos na minha lembrança.

Nelma Silva - Você participa de algum grupo de teatro? qual?

Aldalete Silva - Já fiz parte sim, a trinta anos atrás do Grupo de Teatro Telhado, mais agora estou afastada, convivo com a saudades e as fotos para recordação. Mesmo porque a vida nos levou por caminhos diferentes e o grupo não existe mais.

Nelma Silva – Você se identifica um mulher negra/ atriz negra?

Aldalete Silva – Eu não só me identifico como tenho muito orgulho de ser negra. Eu sou do Mazagão descendo de escravos, mais me orgulho muito da minha raiz, o meu sangue tem força e garra de quem nasceu pra vencer.

Nelma Silva – Quais os principais personagens que você já fez e que marcaram sua vida?

Aldalete Silva – Umas da mulheres que casou 18 vezes, e um outro papel de uma menina que lutava contra um pesadelo.

Nelma Silva – Você já saiu do estado do Amapá, para fazer alguma apresentação em outro estado, quais?

Aldalete Silva - Não, como já falei, percorremos todos os Municípios do Território na época mais nunca saímos para fora pra apresentamos em outros Territórios, conhecidos hoje como estados.

Nelma Silva – Quantos atores negros você conhece e que realmente estão atuando hoje no teatro do Amapá?

Aldalete Silva – Olha na verdade, como já faz muito tempo que estou fora dos palcos, longe desse circuito do teatro, os atores negros que eu conheço só que estavam comigo no grupo Telhado, neste caso era eu, Maria Benigna e o Bi Trindade. Mais assim como eu eles não atuam mais, inclusive o Bi Trindade já é faleceu.

Nelma Silva – Desses atores, quantos você já viu atuando como protagonistas?

Aldaete Silva – Todos nós já atuamos como atores principais, não tínhamos problemas com a soberba, de um querer aparecer mais do que o outro.

Nelma Silva – O que você acha do mercado de trabalho para as atrizes negras, há diferença com as atrizes brancas ou não, você vivenciou alguma situação de preconceito?

Aldaete Silva – Agora, eu acho que já melhorou um pouco, pelo menos eu nunca sofri qualquer tipo de discriminação pela minha cor, talvez por que eu nunca sair daqui pra fazer apresentações fora. Mais mesmo com a modernidade em relação ao tempo que eu fazia teatro, há uma relação de poder meio que escondida assim como se diz antigamente por de baixo dos panos, vejo sim a discriminação em muitos lugares e isso não dá pra dizer que não existi. Agora tem que se dizer a verdade a certo privilégio sim, com as atrizes brancas isso é sem dúvida. Mais eu te digo uma coisa, vocês que estão fazendo Teatro dentro da Universidade Federal do Amapá, tem que mostra pra todo esse povo que preto tem valor e que foi pelo lombo dos pretos que Brasil nasceu, foi muito sangue derramado, muita dor, vocês tem obrigação de mostra isso, vocês tem que honrar os pobres dos pretos que morreram por essa terra.

APÊNDICE B

Entrevista realizada com a atriz de teatro Ana Caroline da Silva Santos em 28 de outubro de 2019 às 22: 15 min.

Nelma Silva - Qual o seu nome, idade e o tempo de atuação no teatro?

Ana Caroline - Meu nome é Ana Caroline da Silva Santos, tenho 30 anos e atuo no teatro há 3 anos.

Nelma Silva - Como foi o seu início e o que levou você a enveredar por esse caminho?

Ana Caroline - Comecei no teatro devido a algumas circunstâncias. Sou Bailarina clássica desde os 3 anos de idade, fiz várias atividades artísticas ao longo da vida, mas o teatro não era uma dessas atividades, pois sempre achei que nunca conseguiria atuar, sempre achei o teatro muito difícil, e continuo achando. Ao me mudar para Macapá passei a fazer circo, e a palhaçaria me levou a perceber um outro lugar no fazer artístico, percebi nas esquetes e roteiros um primeiro passo a enveredar no teatro. Em 2017, por intermédio do meu companheiro que é ator e diretor, recebi o meu primeiro texto, um solo para ser encenado em um festival de cenas curtas que acontece na cidade, o qual ganhamos o prêmio de melhor espetáculo, e ganhei o prêmio de melhor atriz. Esse trabalho foi a peça chave pra entender que eu poderia fazer teatro sim, e que para além disso, trabalhar uma arte conjunta, o teatro, a dança, a música, a pesquisa no campo da arte e identidade, entre outras possibilidades que essa arte proporciona. Portanto, acredito muito que o que me fez enveredar por esse caminho, além do prazer em estar em cena, foi entender que o teatro é um campo aberto pra tudo, eu posso tudo fazendo isso.

Nelma Silva - Você participa de algum grupo de teatro? qual?

Ana Caroline - Sim, faço parte da Associação Artística Cultural Cia Casa Circo. Uma companhia que existe desde setembro de 2015, e trabalhamos com Teatro, Circo e Dança.

Nelma Silva - Você se identifica um mulher negra/ atriz negra?

Ana Caroline - Sim, me afirmo uma mulher artista negra, e que atua com essa temática pra quase tudo que produzo e estudo.

Nelma Silva - Quais os principais personagens que você já fez?

Ana Caroline - No teatro já fiz A mulher do Fim do Mundo, Chica, Fulô de Mandacaru e A Mulher que Matou os Peixes.

Nelma Silva - Quais os que marcaram mais?

Ana Caroline - Os trabalhos que mais marcaram foram A Mulher do fim do mundo, e Chica, Fulô de Mandacará, sendo A Mulher do Fim do Mundo, um espetáculo que aborda as políticas

do corpo, não se trata necessariamente de uma personagem, a mulher do fim do mundo não chega a esse lugar, traz muito mais uma dramaturgia do corpo, e o vemos muito mais como uma obra cênica. Ambas as obras são marcantes na história do teatro e dança amapaense, pois foram os primeiros espetáculos amapaense a entrarem no maior projeto de circulação da América Latina, o Palco Giratório.

Nelma Silva - Você já saiu daqui do estado do Amapá, para fazer alguma apresentação em outro estado? Quais?

Ana Caroline - Sim, em 2018 fizemos uma circulação pelos 10 estados da Amazônia, com o espetáculo A Mulher do Fim do mundo, no projeto Sesc Amazônia das Artes, levamos também o espetáculo A Roupa que Veste o Homem para o ENEART 2018, que aconteceu em Belém-PA, e em 2019 estamos numa circulação pelo Brasil, com 30 apresentações por mais de 20 cidades brasileiras, pelo Projeto Palco Giratório 2019.

Nelma Silva - Quantos atores negros você conhece e que realmente estão atuando hoje no teatro do Amapá?

Ana Caroline - Não posso dizer com precisão a quantidade de atores negros atuantes aqui no Amapá, mas posso afirmar que é um número bem pequeno pra quantidade de artistas negros que existem nesse estado.

Nelma Silva - Desses atores, quantos você já viu atuando como protagonistas?

Ana Caroline - Nesses cinco anos morando e atuando no meio artístico amapaense, foram poucos os trabalhos em que vi artistas negros como protagonistas, o que não quer dizer que não existam, mas que esse protagonismo negro e a discussão em torno disso na cena teatral ainda são bem pequenos.

Nelma Silva - O que você acha do mercado de trabalho para as atrizes negras, há diferença com as atrizes brancas ou não, você vivenciou alguma situação de preconceito?

Ana Caroline - Eu acredito que hoje há um a discussão bem forte a respeito da presença das atrizes negras no mercado de trabalho, é uma discussão necessária, e com a expansão dos meios de comunicação, e empresas independentes essa figura da mulher negra seja na arte ou em qualquer outra área já é muito forte. Mas precisamos de mais, não é o suficiente, pois continuamos dentro dos estereótipos, dentro de alguns padrões estabelecidos por uma produção teatral, cinematográfica, televisiva BRANCA. Acredito que sempre que falamos de um lugar de mulher na arte ou em qualquer atividade, precisamos sempre especificar de que tipo de mulher estamos falando, digo isso, pois, o lugar da mulher negra é um lugar de especificidades, somos nós ainda, as que recebem menos, que conseguimos papéis B's no cinema, somos escolhidas, ainda, pela quantidade de melanina que carregamos na pele, e para o mercado

quantos menos melanina, melhor. Já deixei de interpretar uma personagem para cinema, pois mesmo sendo a mais qualificada para interpretar o papel, existia uma atriz menos experiente, longe de qualquer especificidade do que o currículo pedia, mas com a pele mais clara que a minha, ou seja, para o mercado aquele tom de pele vendia, o meu não. Creio que por isso devemos nos aquilombar mais e mais, estabelecer lugares de falas em que possamos nos reconhecer, seja na escrita, seja na cena, precisamos falar e principalmente direcionar o nosso trabalho pra o que seja mais próximo do que somos, chega de falar do lugar do outro (o branco), precisamos sempre estar nos reconhecendo primeiramente, nos preterindo, nós artistas temos uma responsabilidade muito grande, principalmente com os que ainda não adquiriram essa consciência, que possamos estabelecer espaços de re-existência para os que virão.

APÊNDICE C

Entrevista realizada com a atriz de teatro Alice Soares de Araújo Ferreira em 19 de outubro de 2019 às 16:35 min.

Nelma Silva - Qual seu nome, idade e tempo de atuação no teatro?

Alice Soares- Me acho Alice Soares de Araújo Ferreira, tenho 34 anos e estou na cena teatral Amapaense a 21 anos.

Nelma Silva - Como foi seu início no teatro e o que levou você a enveredar por esse caminho?

Alice Soares – Bom foi assim eu comecei no teatro com 13 anos de idade quando eu morava na zona norte, no bairro Novo Horizonte. A escola Maria do Carmo onde eu estudava, foi contemplada por um projeto que era de um grupo aqui de Macapá, de nome Marco Zero com apoio do Ministério da Cultura, onde eles passavam dando oficinas de teatro. A oficina foi um mês, montamos um grupo de teatro só com os participantes da oficina com a mesma faixa etária de idade pra todos, daí nós começamos a trabalhar neste grupo fazendo espetáculos já enfim. Neste grupo eu continuei, logo em seguida o grupo se desfez e então eu comecei a trabalhar com outros grupos já mais profissionais da capital. Voltei a trabalhar com grupo Marco zero, não como participante de oficina mais como atriz mesmo, foram dez anos neste grupo até eu formar o meu grupo que é Cangapé, ainda nesse espaço de tempo entre o meu primeiro grupo e o grupo Cangapé, o nome do meu grupo era Equinorte no ano de 1998. Agora entre o ano 2008 até eu formar o Cangapé eu trabalhei em diversos grupos com a oportunidade de trabalhar também com todos os artistas e todos os grupos. Até por que teve uns momentos que haviam espetáculos eram integrados, participavam praticamente todos os grupos da cidade que foi o caso quando fizemos o espetáculo *Meu caro jumento*, com Amir Haddad e o grupo Tá na Rua, que teve aqui em Macapá e ai eles juntava todos os artistas da cidade independente de grupo pra fazer o espetáculo foi uma experiência incrível porque o Amir Haddad é uma personalidade da história do Teatro Brasileiro.

Nelma Silva - Você participa de algum grupo de teatro? qual?

Alice Soares – Faço parte de um grupo base a Companhia de Teatro Cangapé à 14 anos.

Nelma Silva - Você se identifica como uma mulher negra/ atriz negra?

Alice Soares – Hoje eu posso dizer que sim, sou mulher negra, uma atriz negra consciente. Eu de morei um pouquinho pra perceber que eu era, ou melhor que eu sou uma mulher negra. Eu demorei muito tempo pra me reconhecer dentro desse país, isso aconteceu a pouco tempo, porque eu tenho 34 anos, e isso deveria ter uns 13 para 14 anos, que eu me reconheci, e isso se

deu no universo do teatro. Foi exatamente no teatro que eu conseguir me reconhecer como mulher negra, foi olhando outras referências como a Thaís Araújo, que começou a despertar em mim, esse entendimento. Na verdade foram duas pessoas que me fizeram me reconhecer enquanto sujeito negro. No universo das artes cênicas à Thaís Araújo a partir da atriz, de me achar parecida visualmente com ela e também ouvindo Gilberto Gil, me fez entender de fato. Quando eu olhava à Thaís Araújo, era uma coisa mais romantizada no sentido de que eu me achava fisicamente parecida com ela, e muita gente me dizia isso na época, essa foi a primeira representação de olhar e me enxergar ali. Já com Gilberto Gil foi olhando para ele, que eu entendi o que é ser negro, tudo o que ele fala, pensa, e o seu posicionamento político.

Eu passei por uma crise de identidade quando eu era mais nova; adolescente eu dizia que eu não tinha cor, por que eu não achava que era nem branca, nem negra, era esse o meu questionamento, na minha família tem pessoas que são extremamente brancas e outras negras. Eu estava neste meio termo e isso pra mim era muito incômodo, e eu sofria muito com isso. Por que eu não tenho cor, era amarela, passei por isso na vida, de não aceitar que eu não era branca e que também, não era negra. No meu entendimento eu era amarela não tinha cor, e foi um tempo muito doloroso e sofrido.

Nelma Silva - Quais os principais personagens que você já fez? Quais os que marcaram mais?

Alice Soares – eu tenho três personagens que foram muito importante pra mim. O primeiro deles era chamado de Erodiasse, eu fiz na peça uma Cruz para Jesus, não sei precisar o ano mais acho que foi para o ano de 2000. Esse personagem foi muito importante eu fiz esse personagem por três anos seguidos. Me marcou muito, pois foi a partir daqui que eu entendi o que é fazer teatro, por que até então era muito intuitivo, era muito na brincadeira de jovem de adolescente. Mais a partir desse personagem que eu compreendi a seriedade da coisa, até porque foi meu primeiro personagem que eu disputei. Participei de uma seletiva e ganhei, ele foi um personagem na época de muita expressão, tanto de público como de crítica. Com esse personagem foi onde eu pude me posicionar, onde eu conseguir me localizar nesse ambiente cênico de dramaturgia.

O outro personagem que me marcou foi Asaídéia, que falava sobre as questões da natureza, e eu era o personagem foco daquele momento, mais não é o fato de ser o personagem foco, e sim por que aquilo ali me trazia uma lembrança, da minha terra natal e falava muito da natureza, meio ambiente. Era muito interessante pra mim, pelas minhas memórias, porque eu venho de um lugar, eu cresci na natureza, no meio das arvores, no meio rio literalmente, na cidade de Altamira-PA. E uma cidade indígena, voltada pra agropecuária e esse espetáculo trazia muito essa memória, é uma ligação muito forte. O terceiro personagem que me marcou foi o Alto do

Menestrel, se não me engano foi no ano de 2001. A uns 15 anos atrás a cena teatral de Macapá, foi efervescente, tinha muita coisa acontecendo pois nesta época a gente fazia até três ou quatro espetáculo ao mesmo tempo, era muita coisa, todo tempo tinha apresentação, tinha oficina não conseguíamos ficar parado. No início do ano 2000, para o teatro foi um momento de ebulição, era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Esse espetáculo Alto do Menestrel e do Fernando Canto, que é um escritor Amapaense, é um texto muito bonito que faz essa primeira relação com o Mazagão e traz também toda essa questão da negritude, dos escravos enfim. Era um personagem que realmente fazia parte da minha memória quando criança, eu era uma cigarra muito falante. Estes foram os três personagens que mais marcaram a minha vida nestes anos de teatro.

Nelma Silva - Você já saiu daqui do estado do Amapá, para fazer alguma apresentação em outro estado? Quais?

Alice Soares – Nos circulamos em dez estados da Amazônia legal, com o projeto SESC Amazônia das Artes, e o Estado do Piauí como convidado. Viajamos com o espetáculo *Se deixar ela canta*, que é um espetáculo de palhaçaria que eu atuo no momento e eu viajei como a Perualda.

Nelma Silva - Quantos atores negros você conhece e que realmente estão atuando hoje no teatro do Amapá?

Alice Soares – Eu nunca me fiz essa pergunta, ainda existe essa questão da auto afirmação. Por que a gente ainda tem a ideia do negro enquanto cor de pele, e sabe que é muito maior que isso, então não posso me lembrar visualmente de alguém. Mas nesse rool pode ter uma pessoa, para além do meu imaginário, mas que ela se auto declare, então é muito delicado. Mais eu sinceramente, atuando na cena eu não consigo lembrar assim, eu não lembro de ninguém agora. Mais veja bem temos a Caroline, eu realmente nunca parei pra pensar nisso, sendo que o mais engraçado e que a nossa mente nos leva rapidamente pra Caroline, por causa da cor da pele. Mais a gente volta pra questão da auto afirmação e muito delicado, volto aqui com a minha lembrança vem o Carlinho que é de Santana.

Nelma Silva – Desses atores, quantos você já viu atuando como protagonistas?

Alice Soares – Vários deles, como por exemplo a Caroline, Daniel e o Diego

Nelma Silva - O que você acha do mercado de trabalho para as atrizes negras, há diferença com as atrizes brancas ou não, você vivenciou alguma situação de preconceito?

Alice Soares - em toda a minha trajetória eu não vi isso mais acentuado em Macapá, mais eu considero que essa questão ela seja por que nós somos um estado em que a maioria da população é negra. Eu não descarto em nenhuma momento a possibilidade de que essa distinção ela exista

em outros lugares, como também não descarto de haver aqui em Macapá, pelo menos no meu tempo de atuação eu nunca presenciei algo do tipo. Além de ser um estado com uma forte presença de negros, em todos os cantos que você passa a presença negra e pulsante é está impregnada na cidade através da sinergia da cultura. Pode acontecer, mais como o racismo é mascarado, passar despercebido quando a pessoa não tem entendimento, ela acaba vivenciando isso sem se dar conta. Cabe a gente ter essa sensibilidade ou não.

APÊNDICE D

Entrevista realizada com a atriz de teatro Jessica Thaís (Aluna do curso de Licenciatura em Teatro 2019) em 21 de outubro de 2019 às 10:45 mim.

Nelma Silva – Qual seu nome, idade e tempo de atuação no teatro?

Jessica Thaís – Me chamo Jessica Thaís tenho 22 anos e o meu tempo de atuação e de 07 anos no teatro.

Nelma Silva – Como foi seu início no teatro e o que levou você a enveredar por esse caminho?

Jessica Thaís – Bom eu comecei em uma oficina de cinema e que a gente ia produzir um curta metragem. E ai dessa oficina de cinema, uma moça foi fazer uma visita, mais só pra visitar mesmo. Depois ela convidou os atores dessa bendita oficina para participar da peça uma Cruz para Jesus, do Amadeu Lobato e ai eu fui. Desse curta metragem foi que eu e mais alguns amigos, fizemos a peça neste mesmo ano de 2012, com isso recebi outro convite de uma amiga minha que me chamou. Era uma moça que acabamos nos tornando amigas, essa mesma moça tem uma companhia e me chamou pra fazer um teste na companhia dela. Fiz o teste, passei e estou lá até hoje na Companhia Imagem e Cia neste sete anos, onde a responsável é a Débora Bararuá.

Nelma Silva – Você participa de algum grupo de teatro? qual?

Jessica Thaís- Como já havia dito, a resposta é sim, Companhia Imagem e Cia, há exatamente sete anos.

Nelma Silva – Você se identifica como uma mulher negra/ atriz negra?

Jessica Thaís – Sim, super inclusive eu acho que é um dos meus maiores orgulhos, inclusive quando alguém vem falar para mim sobre o Teatro Negro, por que sabe do meu pertencimento e sabe também que eu me afirmo como uma atriz negra, que ta atuando que tá trabalhando com isso. Sou negra sim e me sinto muito honrada com a minha negritude.

Nelma Silva – Quais os principais personagens que você já fez?

Jessica Thaís – Eu comecei trabalhando com o teatro contemporâneo, mais de 2017 pra cá e querendo ou não, quando a gente trabalha com teatro contemporâneo é muito mais emocionante, e muito mais intrínseco, tiramos muitas coisas de nós mesmos e com isso acaba se tornando um personagem muito importante. Pois passa a ter muitas coisas de nós na personagem. Então eu acredito que esse meu personagem é o mais importante que fiz uma mulher negra que faz parte de um trio: uma mulher branca, uma negra que sou eu e a outra é

uma mulher parda. O meu personagem é forte se revoluciona e o nome dessa cena é Sobiserviei, nós apresentamos no curta (no festival do ano passado), apresentamos durante esse ano todo.

Nelma Silva – Quais os que marcaram mais?

Jessica Thaís – Tenho vários mais que é muito importante pra mim, e o personagem que eu citei a cima *Sobiserviei*, porque é um personagem que eu choro com ele, que dou risadas com ele, é um personagem que abraça as pessoas, ele vai no público e tem contato direto com as pessoas. É um personagem que me enriqueci muito, e que a cada apresentação eu aprendo muito mais com ele, em verdade ele além de inspirar, vai resignificando o tempo todo. Apesar de ter pouca fala mais o público se identifica, diz que passou por situações igual à dos personagens e por conta disso, o grupo está pensando na possibilidade de aumentar a cena por causa da visibilidade e extensão que esse personagem teve em cena. E eu particularmente sou apaixonada por esse personagem.

Nelma Silva - Você já saiu daqui do estado do Amapá, para fazer alguma apresentação em outro estado? Quais?

Jessica Thaís - ainda não tive a oportunidade, mais com esse trabalho a companhia está vendo a possibilidade de nós concorremos no Estado do Pará, em festival de teatro que acontece lá. E por conta disso, já estamos trabalhando na preparação de algumas novidades pra esse personagem.

Nelma Silva – Quantos atores negros você conhece e que realmente estão atuando hoje no teatro do Amapá?

Jessica Thaís – Olha que eu saiba tem uma atriz no Cangapé chamada Alice, uma outra que agora não me recordo o nome na Companhia Tucuju e várias outras. Mais de certa forma acredito que a cena teatral de Macapá ela é bem negra. Ela não é padronizada elitizada sabe é uma cena bem povão, bem periférica mesmo.

Nelma Silva – Desses atores, quantos você já viu atuando como protagonistas?

Jessica Thaís – Sim, com certeza a Alice (Cangapé), já a vi atuando como protagonista, outra que esteve em destaque foi a Jessica Palmerim, uma atriz negra que no momento está no Rio de Janeiro, mais atuou com a Darismar. E também o Daniel que um ator de Santana.

Nelma Silva – O que você acha do mercado de trabalho para as atrizes negras, há diferença com as atrizes brancas ou não, você vivenciou alguma situação de preconceito?

Jessica Thaís - Já sim, na verdade foi em uma companhia específica que não vou citar nomes aqui, por discrição. Mas que prefere um padrão mais tipo menina branca, alta, magra. Por isso como essa companhia, trabalha com teatro comercial, então o que vende mais e essa atriz padronizada. Por sinal eu já tinha um, trabalho com essa companhia, só que quando foi pra eles

entrarem nesse viés, fui excluída, afastada e creio que tenha sido por conta dessa questão. Tanto é que os atores que estão lá hoje são atores mais padronizados, brancos, e foi mais nesta questão. No mais tanto pela questão do meu talento e trabalho na verdade isso não me atingi diretamente, pois sei do meu potencial e tenho uma certa facilidade, de conseguir as coisas que quero dentro do meu trabalho. Até por que muitas vezes não estão me chamando, eu não fico parada esperando gosto de ser autônoma, eu vou, eu persisto, pergunto, procuro vou atrás mesmo. Agora neste momento eu estou escrevendo também, estou em um processo dirigindo uma peça de companhia nova. Estou sempre me reinventando, pra não ficar estagnar, mesmo quando tudo parece está difícil e que precisamos está se movimentando não ficar pra trás.